



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Bárbara Marranquiel Henriques

**Mudanças climáticas na televisão:
um estudo de recepção no Brasil**



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Bárbara Marranquiel Henriques

**Mudanças climáticas na televisão:
um estudo de recepção no Brasil**

Tese de Mestrado
Mestrado em Ciências da Comunicação
Área de especialização em Informação e Jornalismo

Trabalho efectuado sob a orientação da
Prof.^a Doutora Anabela Simões Carvalho

ÍNDICE

Agradecimentos.....	2
Resumo.....	4
Abstract.....	5
INTRODUÇÃO.....	6
CAPÍTULO 1: ENQUADRAMENTO E PROBLEMÁTICA.....	8
1.1 Aquecimento global: Inimigo Oculto.....	8
1.2 Afinal, quem é o culpado?.....	11
1.3 Política, economia e aquecimento global.....	13
1.4 Alguns números do Brasil.....	17
CAPÍTULO 2: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	20
2.1 Estudos realizados sobre a percepção pública das mudanças climáticas.....	20
2.2 Mediatização das mudanças climáticas.....	22
2.3 Estudos Culturais e recepção.....	26
2.4 A evolução das teorias em comunicação.....	28
2.5 Os impactos da mídia.....	31
2.6 A mídia e o processo de recepção.....	32
CAPÍTULO 3: METODOLOGIA.....	40
3.1 A Revista Eletrônica Fantástico.....	41
3.2 Brasil e Austrália: Reportagem Transmitida.....	42
3.3 Grupos Focais.....	44
CAPÍTULO 4: ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	47
4.1 Respostas dos Participantes nas Questões Escritas.....	47
4.2 Respostas dos Participantes nas Questões Abertas.....	50
4.3 Análise da Percepção dos Grupo Focais diante da Reportagem Apresentada.....	54
4.4 Discussão dos resultados.....	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
BIBLIOGRAFIA.....	59
ANEXO.....	61

AGRADECIMENTOS

“Responsabilidade de quê? Responsabilidade de ter olhos quando os outros perderam.” José Saramago.

Felizmente construir o aprendizado para a realização de uma dissertação não é uma tarefa solitária. Ao longo destes dois anos de mestrado tive a sorte de contar com o apoio de diversas pessoas que caminharam junto comigo para a concretização deste sonho. Desculpo-me de antemão caso cometa a injustiça de esquecer por ventura, o nome de alguém.

Começo explicando que a decisão de realizar esta pesquisa em um país diferente do meu não foi tarefa fácil. Aprendi a conviver (além dos artigos, cadernos e livros) com a saudade, companheira fiel durante todo o meu mestrado. Na primeira parte, saudades de quem estava no Brasil e na segunda parte, saudades dos amigos que fiz em Portugal. Primeiramente agradeço a Deus por ter me enviado força para acreditar em mim em momentos que achei que não iria conseguir.

Agradeço à minha família e em especial aos meus pais, pelo amor e carinho dedicados à mim, pelos valores que construíram parte de quem eu sou e pelo incondicional apoio em todos os momentos da minha vida.

À minha irmã e ao meu cunhado, principais responsáveis pela minha vontade de seguir estudando. Mana e Luiz: me orgulho e me espelho em vocês. Obrigada por me darem o melhor presente que poderia ganhar: ser dinda do Lucas.

À Rosinha, por ser minha segunda mãe e por estar sempre ao meu lado.

Ao “Fred” e à “Salga”, anjinhos de 4 patas, que me surpreendem todos os dias com um olhar apaixonado.

À todos os meus amigos, portugueses e brasileiros e em especial às minhas amigas da “confra”, à Luiza Martins, à Mariana Beltrame e ao Dario Cáceres, que também são responsáveis por quem eu sou e por me ensinarem todos os dias o verdadeiro significado da palavra amizade.

À minha orientadora Anabela Carvalho, primeiramente pela paciência que teve comigo, pelas sugestões de artigos, livros e pesquisas, pelas horas disponibilizadas para a leitura das versões de minha dissertação e por me ajudar a trilhar o caminho desta pesquisa. Muito obrigada professora!

Ao Carlos Alberto Badke, por ser incontestável, incansável e incondicional. Minha eterna gratidão.

À Residência Universitária Santa Tecla e seus funcionários, por terem me acolhido tão bem e terem feito com que eu me sentisse em casa no tempo em que estive morando em Portugal.

E, ao Rafael Giuliani, por ser meu companheiro, por ter me incentivado, me apoiado e, finalmente por ter me “cobrado” a conclusão deste mestrado. Amo muito! S...

RESUMO

Esta pesquisa se estrutura com uma revisão teórica sobre a questão do aquecimento global e do jornalismo ambiental, principalmente no Brasil. Através da observação diária percebemos que as ações realizadas em relação ao aquecimento global podem ser positivas ou negativas, e no caso negativo percebemos a importância da informação, para que os sujeitos se sintam motivados a pensar e a agir para diminuir os causadores do aquecimento global, bem como em prol do meio ambiente como um todo. Portanto, nossa pesquisa aborda a relação existente entre as práticas sociais e o conhecimento ambiental dos cidadãos. Por meio da realização de grupos focais, verificamos qualitativamente as práticas de consumo e os hábitos adotados por estes cidadãos.

Recorremos a reportagem transmitida na Revista Eletrônica Fantástico através da emissora Globo como fator estimulante do diálogo entre os sujeitos escolhidos. Nossos instrumentos de levantamento de dados foram a observação participativa e a associação livre de palavras. A aplicação destes instrumentos visou considerar os conceitos já enraizados no modo de vida dos sujeitos, analisar quais motivos levam o ser humano a estagnação no que se refere à mudança de hábitos em favor do aquecimento global, e também avaliar até que ponto a transmissão de conteúdos referentes ao aquecimento global na televisão são eficazes para a formação de um cidadão mais consciente em relação aos seus hábitos e padrões de consumo.

Nossos resultados comprovam que os cidadãos utilizam a mídia como principal fonte de informação sobre mudanças climáticas, deste modo concluímos que o Jornalismo Ambiental assume um papel central diante das possíveis mudanças de vida do ser humano e deve ser consciente a respeito de seu poder de ajudar a transformar os hábitos dos cidadãos para ações realmente sustentáveis.

ABSTRACT

This research aims at analyzing the perception of citizens in relation to climate changes in Brazil and the influence of media, especially television. It also aims at reflecting on the contribution of media for subjects to become motivated to think and act in ways that reduce the causes of global warming and that help the environment as a whole.

Through the realization of focal groups we have analyzed the perceptions and practices of consumption of citizens qualitatively. A report broadcasted by the television station Globo was used as a stimulating factor for the dialogue between the chosen subjects. Our instruments for data gathering were the free association of words and the interview in a focal group. The application of these instruments aimed at considering the mental images of subjects in relation to climate changes and related topics, analyzing the reasons that lead subjects to change their habits or not in order to stop global warming and evaluating the impact of broadcasting of content related to the topic on television for the formation of citizens more aware of their habits and patterns of consumption.

Our results have identified several challenges for this action as well as paradoxes between perception and behavior. The research suggests that citizens use media as the main source of information about climate changes. Therefore, we have concluded that Environmental Journalism plays a central role in the possible changes in the lifestyle of human beings and must be aware of its power in helping the transformation of citizens' habits to actions effectively sustainable.

INTRODUÇÃO

O tema central desta dissertação é a percepção das pessoas em relação às mudanças climáticas e a influência da mídia. Aqui observamos a maneira que as pessoas tratam as questões relacionadas ao meio ambiente, com ênfase para as mudanças no clima e a prática do Jornalismo Ambiental. Através da pesquisa realizada, percebemos o interesse das pessoas pelo tema ambiental, mas foi também possível analisar a carência de informações relevantes sobre as ações que os sujeitos poderiam tomar em seus cotidianos para colaborar com os problemas ambientais. Sobre o jornalismo ambiental nomeadamente, convidamos os participantes de nossa pesquisa a analisarem criticamente as notícias jornalísticas que chegam às suas casas através da televisão. Com relação às mudanças climáticas, devido a amplitude do tema, o delimitamos às barreiras existentes entre a política e a economia na busca de uma solução para a mitigação do problema e ainda, à dificuldade que o ser humano tem em alterar seus padrões de consumo em prol desta causa ambiental.

A trajetória desta pesquisa parte da capacidade que o ser humano tem em pensar a respeito das mudanças climáticas (Capítulo 1). Analisando sob este ponto, fica bastante visível o pensamento que norteia este trabalho. Também, ao termos conhecimento de que muitas das ações da sociedade podem ser estimuladas por seus governantes, e que por sua vez os governantes procuram continuamente alternativas viáveis para a diminuição dos efeitos do homem no clima, notamos ser necessário abordarmos a união da política e da economia no combate das mudanças climáticas.

Acreditamos que um dos principais recursos que a sociedade tem para saber a respeito do meio ambiente encontra-se no Jornalismo Ambiental, então no Capítulo 2 abordamos como a mídia aborda as questões climáticas e ao registrarmos que parte do conhecimento adquirido em relação à este tema vem da imprensa, notamos ser importante avançarmos sobre a percepção das pessoas acerca das mudanças climáticas para entendermos até que ponto a mídia coopera para a conscientização da sociedade em relação ao meio ambiente.

Desta pesquisa extraímos a base teórica para compreendermos os sentidos possíveis que os indivíduos podem dar às questões ambientais.

O curso metodológico se encontra no quarto capítulo. Veremos no decorrer deste estudo que o ser humano demonstra-se muitas vezes incapaz de pensar a fundo sobre o tema, fato que faz com que os sinais de que o clima na terra está mudando seja colocado de lado e que a vida cotidiana continue, com os mesmos hábitos e mesmos costumes.

Mesmo que institutos capacitados nos demonstrem diariamente painéis e dados estatísticos relevantes sobre o tema, mesmo que climatologistas atentem para o que está ocorrendo, o que irá ocorrer caso nada mude e por quê, a nossa ação depende do que está enraizado como certo e errado na consciência de cada um.

Desta maneira, nosso estudo aborda a dificuldade em enxergarmos as questões ambientais, uma vez que trata-se de um problema com proporções globais nos quais os agentes causadores estão distribuídos em diferentes partes da Terra. E ainda, apesar de os cientistas atentarem que as mudanças no clima estão ocorrendo com uma velocidade considerável, para o tempo biológico do ser humano é quase imperceptível, fator que leva as pessoas demorarem a perceber seus atos, sejam eles positivos ou negativos.

Falamos também na dificuldade que temos de nos sentirmos responsabilizados pelos nossos atos, como por exemplo o uso abusivo de energia elétrica, utilização de combustíveis fósseis que isoladamente não parecem ser consideráveis, mas que somados às ações de milhões de pessoas faz com que os resultados sejam desastrosos.

A escolha do nosso tema de pesquisa surgiu a partir da visualização da série de reportagens produzida pela Revista Eletrônica Fantástico e veiculada na Rede Globo no final do ano de 2010. Ao entrarmos em contato com esta série, sentimos uma inquietação diante de questões que nos ocorreram sobre a percepção das pessoas frente às informações noticiadas e então começamos nossa pesquisa para realização deste trabalho.

Escolhemos esta série de reportagens por se tratar de um tema bastante específico, como o aquecimento global. Para nós, fator que nos surpreendeu positivamente foi a sua transmissão na televisão, no domingo em horário nobre e em rede aberta ou seja, possivelmente assistido em larga escala no território brasileiro.

Gostaríamos de saber como o tema ambiental foi inserido na série de reportagens, bem como pesquisarmos sobre a compreensão por parte das pessoas diante da notícia veiculada e para isso escolhemos uma reportagem da série como estímulo a fim de que pudéssemos realizar, juntamente com sujeitos divididos em dois grupos uma pesquisa qualitativa acerca do tema. Optamos pela matéria referente ao Brasil, por atender o critério de proximidade dos telespectadores em questão.

Nossa pesquisa contribuirá para o aumento dos estudos das questões relativas ao processo de interação entre o meio ambiente e o jornalismo. Ainda, colaborará no entendimento das relações entre a imprensa e os cidadãos, auxiliando na compreensão da maneira de produzir matérias e nos hábitos e padrões de consumo diários do ser humano

1 ENQUADRAMENTO E PROBLEMÁTICA

Neste capítulo veremos como as pessoas, os governantes e a economia estão agindo face ao aquecimento global. Também analisaremos as dificuldades encontradas por parte dos cidadãos em enxergar tal problema como próximo e assim, tomar alguma atitude no que diz respeito à diminuição dos agentes causadores das mudanças climáticas. Ainda, traremos para o nosso discurso os números referentes ao consumo brasileiro, para que assim consigamos contextualizar os hábitos e padrões de consumo com este problema ambiental.

1.1 AQUECIMENTO GLOBAL: INIMIGO OCULTO

Mesmo que seja senso comum que grande parte da população mundial já ouviu falar ao menos uma vez sobre mudanças climáticas e aquecimento global, e que para diminuirmos os riscos destes “fenômenos” devemos pensar em uma ampla mudança nos padrões de consumo e hábitos nossos e de indústrias, há uma grande reluta em agir.

Anthony Giddens, em *A Política da Mudança Climática* sugere que os perigos representados pelo aquecimento global não são “palpáveis, imediatos ou visíveis no decorrer da vida cotidiana, por mais assustadores que se afigurem, muita gente continua sentada, sem fazer nada de concreto ao seu respeito”. Ainda, o autor afirma que se esperarmos até que estes problemas se tornem aparentes e intensos, para pensar em soluções, será “por definição, tarde demais”. Segundo ele, isto ocorre porque mesmo que as consequências sejam bastante drásticas, os danos parecem abstratos. (Giddens, 2009, pág. 19).

Para Giddens, existe o que podemos chamar de “círculo vicioso”, no qual sentimos dificuldade em aceitarmos que as mudanças climáticas existem e que fazem parte (cada vez mais) do nosso dia a dia. Por sua vez, esta reluta em admitir os riscos das mudanças climáticas faz com que poucos de nós nos habilitemos a alterar nossos modos de vida de maneira realmente expressiva. O autor batizou este modo de comportamento de “Paradoxo de Giddens”, no qual ele busca em pesquisa conjunta com a psicologia reiterar sua teoria, e afirma que os psicólogos batizaram este modo de agir de “desconto do futuro” concluindo que “as pessoas acham difícil atribuir o mesmo nível de realidade ao futuro que ao presente”. (Giddens, 2009, pág. 21)

O autor estima que existem quatro possibilidades que utilizamos para “justificar” a situação cômoda das ações do ser humano, que faz com que embora perceba as modificações que estão

ocorrendo gradativamente no clima, pouco faça para colaborar com a diminuição dos efeitos na Terra. Para ele, uma das razões para este tipo de comportamento é o fato de que o cidadão pode questionar a veracidade dos estudos em mudanças climáticas relutando em modificar seus hábitos de consumo. Também, outra maneira de agir poderia ser esperar que os outros mudem para que, então, o indivíduo resolva fazer a própria mudança. Uma terceira reação, de acordo com o “paradoxo de Giddens” seria, “nada que eu possa fazer como indivíduo isolado fará a menor diferença.” E a quarta opção seria a de o sujeito dizer ainda que: “Um dia destes faço isso”. (Giddens, 2009, pág. 21)

Al Gore, em *Uma Verdade Inconveniente* (2001) contribui com esta idéia ao afirmar que existe um grande número de pessoas que partem da negação do problema para o desespero, sem passar pelo estágio da conscientização de que se pode fazer algo para colaborar com o meio ambiente. (Gore, 2006, pág. 276) E ainda, Daniel Goleman, doutor em psicologia pela Harvard University, fala que não conhecer os verdadeiros impactos do que é consumido faz com que as pessoas ignorem os problemas ambientais e afirma que “a principal barreira se resume ”a falta de informações cruciais, uma lacuna que nos deixa no escuro”. (Goleman, 2009, pág. 27)

Então, notamos a importância de se ter noções verdadeiras acerca das mudanças climáticas, para que pelo menos a falta de ações não possam ser justificadas pela escassez de informações a respeito do tema. Goleman ainda nos indica que estas informações completas sobre o que ocorre, inclusive nos “bastidores”, atitudes que estejam fora do foco principal, mas que igualmente colaboram para prejudicar a própria sociedade e o planeta, são importantes para termos discernimento na hora de optarmos por nossos comportamentos. O autor ainda indica que:

É preciso ver além do interruptor e enxergar o custo ambiental da luz elétrica; mergulhar no nível molecular, a fim de avaliar as substâncias químicas emitidas pelos produtos que utilizamos no dia a dia e que são absorvidas por nosso organismo; investigar a cadeia de suprimentos, a fim de entender o custo humano dos produtos que utilizamos. (Goleman, 2009, pág. 27)

Segundo ele, o ser humano é inabilitado de reconhecer apenas pelo instinto a relação entre as ações e as conseqüências, e isto torna a sociedade suscetível a gerar suas próprias ameaças. Por este motivo, “continua havendo desconexão entre nosso papel coletivo na geração de todas essas partículas danosas e os danos que elas produzem”. (Goleman, 2009, pág. 28) Também afirma que, para sobreviver até os dias atuais o homem precisou utilizar-se da memória para delimitar diferentes riscos, como por exemplo o sinal de que a fumaça pode vir acompanhada de incêndio, um cachorro a rosnar,

um animal correndo na direção do mesmo ou até mesmo algum objeto lançado. (Goleman, 2009, pág. 29)

André Trigueiro, jornalista pós-graduado em Gestão Ambiental pela Coppe/UFRJ, considera que estamos em uma situação bastante grave, se levarmos em conta que consumimos mais do que a capacidade que o planeta tem de renovar os recursos naturais. Esta idéia reforça-se se levarmos juntamente em consideração o que Goleman (2009) nos sugere: a falta de condições que o cérebro humano tem em detectar ameaças menos “palpáveis”, como o aquecimento global, a qualidade do ar que respiramos, destruição da fauna e flora do planeta. Segundo o autor, antigamente o homem vivia no máximo até os 30 anos e ter sucesso em sua trajetória era viver o “suficiente para ter filhos que também vivessem o suficiente para ter os próprios filhos”, mas hoje os anos vividos pelo homem são maiores a ponto de desenvolverem doenças como o câncer, que demora anos ou até décadas para se desenvolver. (Goleman, 2009, pág 30)

Tudo isto contribui a entendermos as atitudes do ser humano, que como dito acima, embora possa ter noção dos riscos das mudanças no clima, pouco faz para mudar esta situação. Seguindo este mesmo raciocínio, Al Gore analisa nossa maneira de pensar sobre a crise climática e alerta que o problema é a mudança gradativa do estado atual das coisas que faz com que fiquemos parados, estáticos diante dos problemas ambientais. Porém, assegura que se compararmos tais alterações com a idade do Planeta, a velocidade que o meio ambiente vem se modificando pode ser considerada “alucinante”. (Gore, 2006, pág. 255)

Goleman adverte que devido a esta limitação no cérebro humano existe a urgência de que consigamos “tornar visível o invisível” (Goleman, 2009, pág. 31) Neste contexto consideramos que o Jornalismo Ambiental pode contribuir para que o cidadão consiga enxergar a importância do meio ambiente para o seu futuro e futuro dos seus descendentes. Contudo, para Goleman, muitas vezes a prática desta profissão esbarra em notícias que o autor denomina “mentiras vitais”, que estampam reportagens de capas e que podem mascarar a “verdade simples”, criando dificuldade para o indivíduo avaliar criticamente o que deve, ou não, ser levado em consideração. (Goleman, 2009, pág. 32)

Então, partindo da premissa de que o conhecimento deve estar enraizado na cabeça dos indivíduos ao fazerem suas escolhas de vida, Al Gore afirma que somos a causa do aquecimento global, porém podemos também ser parte da solução “em nossas decisões sobre os produtos que compramos, a eletricidade que usamos, o carro que dirigimos, o nosso estilo de vida. Podemos até fazer opções que reduzem a zero as nossas emissões individuais de carbono”. (Gore 2006, pág. 276)

Para exemplificar o caso da criação por parte da imprensa das chamadas “mentiras vitais”, parafraseamos Daniel Goleman a respeito de um caso sobre a reciclagem:

Dizemos a nós mesmos: “Bem, eu reciclo meu jornal, reciclo as garrafas. Além disso, quando faço compras, levo minhas próprias bolsas” e nos sentimos um pouco mais confortados por termos feito nossa parte. Por mais virtuosa que possa ser essa reciclagem – e certamente é melhor do que não fazer nada -, nem chega perto de uma solução real para remediar a situação. E a reciclagem pode alimentar nossa autoilusão criando uma bolha verde momentânea que oferece a ilusão de que nossos esforços individuais estão resolvendo o problema. (Goleman, 2009, pág. 32)

Porém, o autor entende que todo o material que jogamos fora, seja ele reciclado ou não, permanece no planeta Terra. Então, uma vez que não contamos com uma reciclagem total do que se é consumido, na qual um produto poderia ser completamente transformado em outro ou em pequenas moléculas que a natureza absorveria, a reciclagem enquadra-se no que o autor batizou de “mentira vital” que faz com que o homem ao praticar a reciclagem pense que já está realizando a sua parte e não percebe os danos causados pelo que ele consome.

Neste contexto, Rosa Cabecinhas, Anabela Carvalho e Alexandra Lázaro, no livro *As Alterações Climáticas os Media e os Cidadãos* (2011), concluíram através de vários estudos que as pessoas estão mais conscientes em relação ao impacto de várias ações sobre as alterações climáticas. Também indicam que os sujeitos demonstram disponibilidade para realizar alguns “sacrifícios pessoais” em prol desta causa, contudo não apoiam que políticas públicas interfiram no conforto do seu dia-a-dia.

Para Irene Lorenzoni, Sophie Nicholson-Coleb e Lorraine Whithmarsh estarmos informados a respeito do meio ambiente não é o suficiente para estarmos comprometidos com o problema. Segundo elas, para estarmos comprometidos precisamos realmente nos importarmos com esta questão para que assim nos sintamos motivados e aptos a agir. E este comprometimento significa para as autoras estar pessoalmente conectado com a questão ambiental, tendo em conta que “cognitive, affective and behavioural aspects of engagement are in large part a product of social and institutional contexts” . (Lorenzoni et al., 2007, pág. 446)

1.2 AFINAL, QUEM É O CULPADO?

Partimos da premissa de que as atitudes podem ser corroboradas com o ponto de vista que adotamos para analisarmos os problemas ambientais. Portanto, ao nos posicionarmos como vítimas destes acontecimentos, podemos encontrar outras pessoas para colocarmos a culpa (Goleman, 2009),

eliminando desta maneira o nosso sentimento de culpa diante do fato de que contribuimos para a crise ambiental.

O autor ainda complementa que “não existem vilões ocultos, não existem grupos clandestinos conspirando pela destruição do planeta; todos nós fazemos parte de sistemas industriais e comerciais que perpetuam os nossos problemas”. (Goleman, 2009, pág. 35)

A tendência do ser humano em se posicionar como vítima também foi percebida por Anabela Carvalho, Rosa Cabecinhas e Alexandra Lázaro que apontam que a população portuguesa considera que as alterações climáticas são uma ameaça, porém relacionam as mudanças com catástrofes e não se consideram agentes “causadores” de tais problemas e sim “vítimas” do que está ocorrendo. Para elas, este posicionamento sugere “que sentimentos de risco associados a alterações climáticas não estão directamente relacionados com comportamentos pró-ambientais” e afirmam que as consequências deste fenómeno estão presentes na mente dos jovens, contudo as possíveis soluções não estão. (Cabecinhas et al., 2011, pág. 192)

Daniel Goleman acredita que o modo que percebemos, aceitamos e entendemos o meio ambiente prediz a maneira que vamos agir diante dos problemas, para ele as “diferenças de percepção têm uma enorme consequência”. (Goleman, 2009, pág. 41) e aprofunda este raciocínio ao exemplificar:

Um urso polar à deriva em um pedaço de gelo ao vento ou uma geleira despencando oferecem poderosos símbolos dos perigos que enfrentamos com o aquecimento global. No entanto, as verdades inconvenientes não param por aí – somente nossa habilidade coletiva de percebê-la. Precisamos aperfeiçoar a resolução e ampliar o alcance das lentes por meio das quais observamos a natureza de modo a enxergar como substâncias químicas sintéticas afetam as células do sistema endócrino, bem como a lenta elevação dos níveis do mar. (Goleman, 2009, pág. 41)

Igualmente, Rosa Cabecinhas, Anabela Carvalho e Alexandra Lázaro (2011) remetem que há um afastamento do risco, ou seja, os problemas são considerados mais preocupantes no futuro e em locais distantes. Do mesmo modo, Al Gore relata que, ainda nos dias de hoje, algumas pessoas acreditam que os impactos por elas gerados não têm capacidade para interferir no clima da Terra. (Gore, 2006)

Contudo, segundo Goleman devemos avançar pelo caminho da “inteligência coletiva”, que segundo o autor favorece a conscientização, no âmbito familiar, do trabalho e até mesmo dos amigos.

E explica que este fato ocorre quando um indivíduo entende os reais riscos dos problemas ambientais e compartilha tais conhecimentos e compreensões. (Goleman, 2009)

1.3 POLÍTICA E ECONOMIA NO COMBATE AO AQUECIMENTO GLOBAL

Ao questionarmos o que podemos fazer para que estas alterações sejam diminuídas ou até mesmo interrompidas, devemos levar em conta o que é importante nas filosofias políticas ambientais. Então, para darmos conta deste capítulo faz-se necessário parafrasear Al Gore, ao referir que “acreditamos de forma equivocada, que precisamos escolher entre uma economia saudável e um meio ambiente saudável”. (Gore, 2006, pág. 270) Ele afirma que uma das maneiras de solucionarmos a crise climática é termos o capitalismo de mercado como aliado.

Para Gore, as empresas já podem pensar em lucratividade mesmo levando em conta as questões ambientais, e ainda vai mais longe ao afirmar que a estratégia de contabilizar preço de fatores como o meio ambiente, impacto sobre comunidade e longevidade dos funcionários, faz com que os executivos tracem planos a longo prazo de como sustentar a lucratividade.

Levar em conta as questões de sustentabilidade ao investir não necessariamente diminui seu retorno financeiro – na verdade, há provas de que este pode até aumentar. Você pode contribuir para deter as mudanças climáticas, apoiar a sustentabilidade global e ainda se sair bem do ponto de vista financeiro, escolhendo seus investimentos com prudência e sabedoria. (Gore, 2006, pág. 270)

Então, elucidamos em nossa discussão a idéia de Anthony Giddens, que no livro *A Política da Mudança Climática* nos indica que a palavra que deve ser norteadora para as questões relacionadas ao meio ambiente é “planejamento”. Para ele, devemos ter sempre esta idéia na cabeça uma vez que não contamos com a certeza de o que ocorrerá no futuro e ainda sugere que “a reflexão a longo prazo, necessária para combatermos as mudanças climáticas, tem que funcionar tendo por pano de fundo a incerteza”. (Giddens, 2009, pág. 25) O autor destaca que são necessários novos conceitos, e um deles é a importância do Estado em relação a viabilização de grupos sociais que façam valer as medidas ambientais, sempre buscando os resultados, que no caso deste trabalho é a mitigação de agentes causadores das alterações no clima.

Contudo, para o autor, Estado não tem por definição apenas o sentido local atribuído pela política Aristotélica que afirma que as comunidades são formadas por três relações: a primeira

compreendida por casal (homem-mulher), pai e filho, senhor e escravo, a segunda a vila e a terceira a cidade. Para ele, se define como Estado não só a população geograficamente próxima, mas também governantes e cidadãos de outros lugares.

O autor aborda também dois conceitos importantes: a convergência política e a convergência econômica. Segundo ele, a convergência política ocorre quando o Estado se “superpõe de maneira positiva a outros valores e objetivos políticos”. Esta é de fundamental importância não apenas por se tratar de uma medida inédita e intensa, mas também para termos conhecimento da aceitação dos cidadãos. Neste caso trata-se de melhorias das condições alternativas de transportes coletivos, ciclovias, objetivando sempre a redução da emissão de carbono.

Bons referenciais podem ser citados, como por exemplo em Portugal, onde temos a política de ambiente do Governo que tem como estratégia o desenvolvimento sustentável do país em diferentes setores da sociedade. Segundo o portal Governo de Portugal, a prioridade ambiental é cumprir com as metas lançadas no Protocolo de Quioto, ou seja, reduzir ao máximo o déficit e as emissões nacionais de carbono até 2012 para adequação do Fundo Português de Carbono para assim cumprir o que foi tratado internacionalmente. Para nós, exemplo prático disto é a constante presença de geradores de energia eólica presente no país.

Também no Brasil, em 2011, no sentido de migrar cada vez mais para uma economia “verde” foi criado um grupo de líderes empresariais juntamente com o Ministério do Meio Ambiente, para que assim o governo consiga manter um diálogo com o setor produtivo, ampliando desta maneira a capacidade de interlocução com a sociedade. A criação deste grupo é objetivando a construção da agenda ambiental brasileira, que deve ser anunciada em julho de 2012 durante a Rio + 20 (Conferência das Nações Unidas para o Desenvolvimento Sustentável). Legitimando estes exemplos, trazemos novamente para nosso diálogo o autor Anthony Giddens que afirma que o crescimento econômico de um país é responsável pelo aumento das emissões, e que as metas políticas ambientais podem desenvolver outros objetivos que mitiguem este processo.

Para Walker e King, a economia atualmente anda na contramão da ciência quando o assunto é mudança climática pois há bastante tempo somos alertados de que precisamos agir para diminuirmos as emissões de carbono na atmosfera. E enquanto isso, alguns economistas fazem o contraponto argumentando que a economia sairia prejudicada caso trocássemos o nosso atual padrão de consumo (dependente do carbono).

Falando genericamente, os modelos econômicos que estão de olho no efeito de qualquer mudança tentam descobrir se essa mudança, no futuro, será benéfica ou maléfica para as pessoas. Para falar da forma mais simples possível, suponhamos que aconteça algo que me

deixe 5 libras mais rico, mas custe 5 libras a cada uma de outras quatro pessoas. Na balança, nós cinco sairíamos perdendo. (Walker & King, 2009, pág. 150)

Desta maneira os autores referem que os modelos relacionados às mudanças climáticas realizam cálculos parecidos, no qual baseados em dados mais complexos chegamos a um resultado que pode ser positivo (o mundo ficar melhor) ou negativo. Alguns economistas, ainda segundo os autores, mencionam o “desconto do futuro”, no qual as futuras gerações teriam a maior responsabilidade de lidar com as mudanças climáticas, uma vez que tais alterações, segundo especialistas, tendem a afetar mais estas do que a nossa geração. Porém, os autores argumentam que a incerteza do que pode realmente ocorrer em relação às mudanças faz com que os modelos econômicos não consigam prever concretamente os gastos futuros.

Utilizamos como exemplo um modelo econômico realizado em 2007 pelo economista do Reino Unido Sir Nicholas Stern, que se baseia nos custos de um possível controle das mudanças climáticas, assim como as vantagens econômicas advindas com a melhora da eficiência de energia. Conforme estes cálculos, se estabilizarmos as emissões de gases causadores do efeito estufa a no máximo 500 ppm até 2050 geraria um custo de -1 a +3,5% do produto interno bruto (PIB). O que com certeza sairia mais em conta do que lidar com as catástrofes ambientais que estão ocorrendo em diferentes partes do globo sequencialmente.

Existem também, outros cálculos feitos ao redor da Terra a respeito de políticas econômicas que poderiam resultar na melhora do meio ambiente e segundo Walker e King, todos são encorajadores por utilizarem métodos que já foram criados ou que estão próximos a serem disponibilizados, citando como exemplo a captura e a armazenagem de carbono.

Os autores ainda ressaltam que as questões políticas podem breçar estas iniciativas, uma vez que os governantes podem argumentar que é mais indicado utilizar tal dinheiro com causas humanitárias mais urgentes, ao invés de pensar no futuro. Porém, para os autores é equivocado este pensamento que refere o investimento nas causas ambientais como “auxílio humanitário”, já que os mais pobres não ganharão dinheiro para promover a sua qualidade de vidas e, garantir que a Terra terá um clima no qual as futuras gerações poderão suportar, e acreditam que “é melhor pensar nos custos da mudança climática não tanto como um gasto, mas como uma política de seguros contra um futuro perigoso”. (Walker e King, 2009, pág. 157)

Ocorreu em 2005, no Dia Mundial do Meio Ambiente um encontro de prefeitos de grandes metrópoles em São Francisco (EUA) onde segundo André Trigueiro, os governantes municipais

assinaram o que o autor chama de “ousado Acordo Ambiental Urbano”, constituído de 21 ações que seriam cumpridas gradualmente e a fim de analisar o quanto cada município pode realizar em relação a estas metas. Foi sugerido que a cada 7 anos decorrentes a 2005 pelo menos três destas metas devem ser implementadas.

As questões são:

- Energia: energia renovável, eficiência energética e mudanças climáticas
- Redução de resíduos: resíduo zero, responsabilidade do produtor, responsabilidade do consumidor
- Projetos urbanos: edifícios verdes ou ecoeficientes, planejamento urbano e desfavelização
- Natureza urbana: parques, restauração de habitats e vida selvagem
- Transporte: transporte público, veículos com tecnologia limpa e redução de congestionamentos
- Saúde ambiental: redução de substâncias tóxicas, segurança alimentar e ar limpo
- Água: acesso e eficiência, preservação de mananciais e redução de águas residuais

(Trigueiro, 2008, pág. 112)

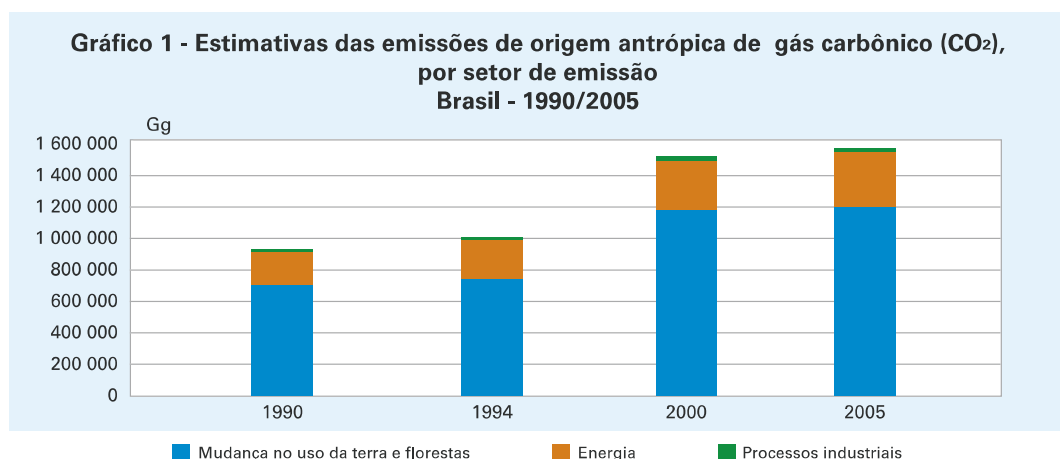
O jornalista brasileiro afirma que estas metas são desafiadoras, mas que devem ser seguidas e que “para tanto é necessário agir”. O autor aborda que no caso do Brasil é necessário “estabelecer ou implantar programas de sustentabilidade, respeitando os municípios, organizando a sociedade civil e caminhando ao lado da tecnologia”. (Trigueiro, 2008, pág. 112).

Contribuindo com esta idéia, Anthony Giddens antecipa que algumas medidas adotadas pelos governantes haverão de ser radicais, impopulares e que acarretarão protestos e resistências ativas. Ainda, atenta que os interesses pessoais dos “poderosos” serão diferentes aos das medidas e deverão ser combatidos. Para ele, se tais mudanças forem bem administradas, poderão gerar oportunidades novas, “podemos prever e devemos fazer o melhor possível para incentivar uma onda de inovações tecnológicas, em resposta às mudanças climáticas e à questão da segurança energética”. (Giddens, 2009, pág. 31) E complementa que o papel das políticas públicas será fundamental, seja no controle de subsídios destinados a empresas poluentes ou na iniciação ou aperfeiçoamento de indústrias que possuem práticas a favor do meio ambiente. E finaliza afirmando que algumas empresas, como as de construção civil deverão seguir regulamentações pré-estabelecidas, como regras de eficiência energética, controle de resíduos, uso da terra e rotulagem de produto. (GIDDENS, 2009, pág. 183)

1.4 ALGUNS NÚMEROS DO BRASIL

Desde o ano de 2002 o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) tem lançado anualmente um relatório com os Indicadores de Desenvolvimento Sustentável do Brasil. Este documento é subdividido em: atmosfera, terra, água doce, oceanos, mares e áreas costeiras, biodiversidade, população, trabalho e rendimento, saúde, educação, habitação, segurança, quadro econômico, padrões de produção e consumo, quadro institucional e capacidade institucional. Sabemos da importância de todos estes itens para o Meio Ambiente, no entanto neste estudo torna-se relevante citar a questão da atmosfera e dos padrões de produção e consumo, uma vez que sabemos ser estes os maiores responsáveis pelas mudanças de clima na Terra.

O IBGE refere aborça que atualmente no Brasil a principal fonte de emissão de CO₂ é a destruição da vegetação natural, destacando a questão do desmatamento da Amazônia e as queimadas no cerrado. O instituto também afirma que estas atividades correspondem a mais de 75% das emissões brasileiras de dióxido de carbono, fazendo com que o Brasil esteja situado entre os 10 maiores emissores de gases do efeito estufa na atmosfera. Ao se considerar todo o tempo de estudo feito pelo IBGE (1990 a 2005), conseguimos identificar um aumento de pelo menos 40% da emissão dos gases de efeito estufa. O gráfico a seguir ilustra esta informação ao trazer informações sobre a emissão antrópica de gases causadores do efeito estufa. (IBGE, 2011)

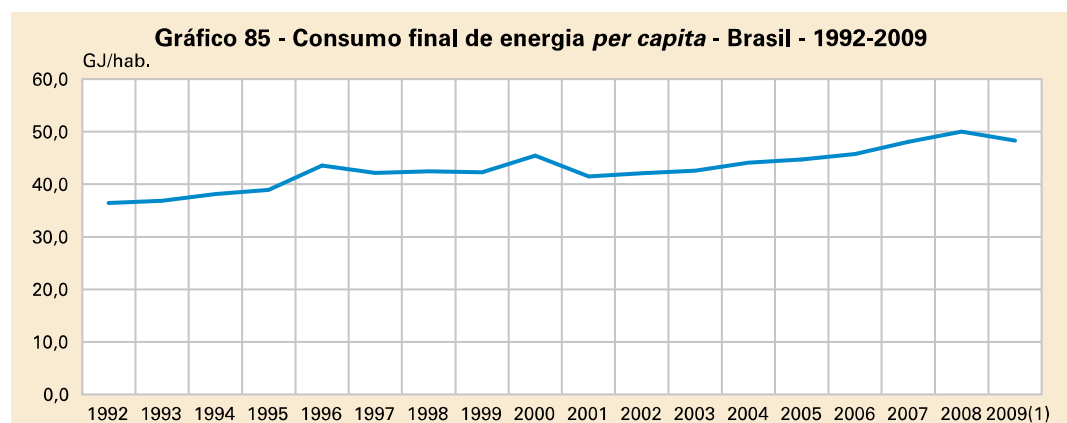


Fontes: Brasil. Ministério da Ciência e Tecnologia. Coordenação Geral de Mudanças Globais do Clima. Comunicação nacional inicial do Brasil à Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima, Brasília, DF, 2004. Disponível em: <http://www.mct.gov.br/upd_blob/0005/5586.pdf>. Acesso em: maio 2010; Inventário brasileiro das emissões e remoções antrópicas de gases de efeito estufa. Informações gerais e valores preliminares, Brasília, DF, 2009. Disponível em: <http://www.mct.gov.br/upd_blob/0207/207624.pdf>. Acesso em: maio 2010.

Contudo, para nós a informação que nos chama a atenção é o fato de que o desmatamento da Amazônia e as queimadas contribuíram em 57,9% do total das emissões líquidas de gás carbônico na atmosfera e mais, o ano de 2005, segundo os dados fornecidos foi bastante crítico em relação ao

desflorestamento da floresta amazônica e as queimadas no Brasil. A agricultura aparece em segundo lugar sendo responsabilizada por 21% do total das emissões devido o uso de fertilizantes nitrogenados e calcário, perdas de matéria orgânica do solo e da emissão de metano em cultivo de arroz inundado.

Também, neste relatório o IBGE avalia a questão da energia, que segundo este órgão serve como fator contribuinte para identificar o desenvolvimento de um país, alertando que para se obter um desenvolvimento sustentável, deve-se considerar as exigências energéticas com um aumento da eficiência da mesma e do uso de fontes renováveis, para que assim se possa unir a oferta de energia com a proteção do meio ambiente. Contudo, no Brasil é demonstrado um avanço da utilização de energia, uma vez que segundo dados o consumo de energia que cada brasileiro utilizou no ano de 2009 alcançou o número de 48,3 gigajoules por habitante, resultando no segundo maior índice desde o início dos estudos do Instituto, perdendo apenas para o ano de 2008. no Brasil. (IBGE, 2010)



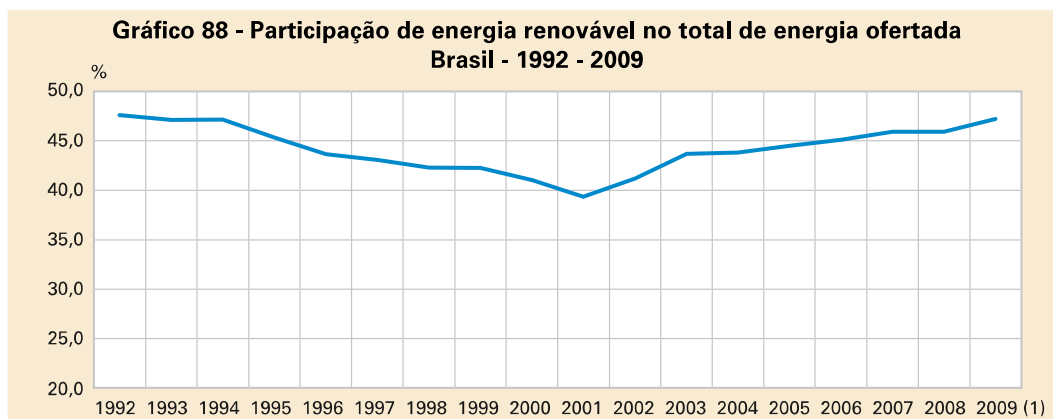
Fonte: Balanço energético nacional 2009. Rio de Janeiro: Empresa de Pesquisa Energética, 2009. Ano-base 2008. Disponível em: <<https://ben.epe.gov.br/BENRelatorioFinal2009.aspx>>. Acesso em: maio 2010.

Nota: Conversão de energia elétrica segundo o equivalente térmico teórico - primeiro princípio da termodinâmica (1KWh = 860Kcal).

(1) Resultados preliminares.

Contudo, fator positivo é que no ano de 2009, 47,2% da energia utilizada em nosso país era proveniente de fontes renováveis. Abaixo segue o gráfico do consumo de energia no Brasil. Segundo este relatório do IBGE, as chamadas energias renováveis são de fundamental importância para o desenvolvimento de um país, que por mais que encontre novas reservas de combustíveis fósseis (pré-sal no Brasil, por exemplo), deve seguir investindo em novas alternativas, uma vez que as fontes de energia provenientes destes combustíveis fósseis não são consideradas sustentáveis e ainda representam um grande risco para o meio ambiente, enquanto por outro lado, as fontes renováveis se manejadas adequadamente podem oferecer energia continuamente. (IBGE, 2010)

Contudo, o Instituto atenta que estas fontes alternativas de energia também resultam em impactos para o meio ambiente, como inundação (hidrelétricas), derrubada da vegetação nativa (lenha e carvão vegetal), e ampliação de áreas agrícolas (cana-de-açúcar). Então, ainda assim se faz necessário uma maior eficiência do uso de energia e uma mudança nos padrões de consumo da população. Abaixo o gráfico mostra a participação de energia renovável no total de energia ofertada pelo país. (IBGE,2010)



Fonte: Balanço energético nacional 2009. Rio de Janeiro: Empresa de Pesquisa Energética, 2009. Ano-base 2008. Disponível em: <<https://ben.epe.gov.br/BENRelatorioFinal2009.aspx>>. Acesso em: maio 2010.

(1) Resultados preliminares.

Após esta breve abordagem sobre os dados referentes ao Brasil, notamos ser importante referir uma questão que está muito evidente juntamente com estes dados: a questão do consumismo no Brasil. A edição de novembro de 2010 da revista *Isto É Negócios* traz uma notícia com informações bastante importantes a respeito da vida dos brasileiros. Segundo a revista, um relatório global produzido pelo país indica que o cidadão brasileiro está consumindo mais e além disto comprando produtos que antes eram considerados sem importância. Em concordância com este relatório a empresa de varejo Nielsen revelou durante pesquisa sobre o perfil do consumo brasileiro que o poder de compra dos cidadãos seria igual ao Produto Interno Bruto (PIB) da Espanha, ou seja, estamos consumindo tal qual países bastante desenvolvidos. Além deste dado, este estudo avaliou que o brasileiro está em busca cada vez mais de produtos sofisticados em todos os segmentos, como automóveis, alimentos e vestuários. Para a revista, “esta fome por novidades e produtos de maior qualidade já transforma o Brasil em um protagonista global para inúmeros segmentos”. (Isto É, 2010)

Para concluirmos, trazemos para nossa abordagem novamente o jornalista André Trigueiro, que em palestra realizada através da TED^x Sudeste, advertiu que se não tivermos um consumo consciente não haverá solução para a humanidade, uma vez que utilizamos recursos que são finitos. Trigueiro discorre sobre o consumo consciente e indica que por mais que um país melhore suas

condições financeiras deve sempre ter em mente a questão da inteligência ecológica na hora do consumo, para que assim se garanta a qualidade de vida de todos os cidadãos. E ainda, aborda sobre a mudança de pensamento do brasileiro em relação com a maior possibilidade de consumo:

Existem pelo menos três armadilhas no estilo consumista, a primeira armadilha é de ordem ética e moral, ostentar a abundância onde há escassez, na sociedade de consumo isto não é uma questão porque a sociedade de consumo é egoísta, hedonista, individualista e cada um por si, talvez Deus por todos [...] Segunda armadilha é de ordem ecológica: tudo que levamos para casa e precisamos é necessário? O consumo é bom. Mas a palavra consumismo alude a excessos, no qual levamos pedaços de meio ambiente para casa. [...] Terceira armadilha na minha opinião é a ilusão de transferir para bens materiais a felicidade e a paz. (Trigueiro, 2010)

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Por acreditarmos que o Jornalismo Ambiental tem a responsabilidade de transmitir informações de qualidade aos cidadãos, norteamos este capítulo com base nas pesquisas já realizadas acerca deste tema. Buscamos apresentar os estudos que foram realizados em alguns países a fim de encontrarmos explicações sobre como a imprensa se insere como mediadora da relação existente entre o aquecimento global, os cientistas e os sujeitos comuns.

Sabemos que uma reportagem de qualidade não é, sozinha, responsável pela ação consciente dos cidadãos em relação ao meio ambiente, mas relativizamos que esta pode ser uma ferramenta importante no que diz respeito a educação ambiental.

2.1 ESTUDOS REALIZADOS SOBRE A PERCEPÇÃO PÚBLICA DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS

Segundo um estudo realizado nos Estados Unidos pelas pesquisadoras Julia Corbet e Jéssica Durfee (2004), a preocupação a respeito das mudanças climáticas vem crescendo desde a década de 80. Em levantamento de pesquisas efetuadas por estudiosos anteriores, as autoras puderam confirmar que a população está gradativamente aceitando o fato de que as mudanças climáticas existem. Porém, elas atentam para o fato de que “ouvir falar” a respeito deste fenômeno não significa exatamente conhecer a respeito do mesmo e ainda abordam a questão de que as pessoas têm limitações no que se refere a entender as verdadeiras causas e as possíveis soluções a respeito da questão ambiental.

Da mesma maneira, Irene Lorenzoni, Sophie Nicholson-Coleb e Lorraine Whitmarsh (2007) constataram que há uma preocupação crescente na Inglaterra para envolver o público nas decisões a

respeito das mudanças no clima. Estas autoras buscam evidenciar as possíveis causas que prejudicam a ação dos indivíduos em relação a possíveis soluções ambientais. Através de suas pesquisas quantitativas e qualitativas as autoras constataram a presença de “barreiras” que se sobrepõem para agravar e limitar o comprometimento do cidadão quanto ao meio ambiente. São elas:

Individual barriers include: lack of knowledge; uncertainty and scepticism; distrust in information sources; externalising responsibility and blame; reliance on technology; climate change perceived as a distant threat; importance of other priorities; reluctance to change lifestyles; fatalism; and helplessness. Social barriers are subdivided into: lack of action by governments, business and industry; ‘free rider effect’; pressure of social norms and expectations; and lack of enabling initiatives. (Lorenzoni et al., 1997, pág. 449)

No que se refere à questão comportamental dos sujeitos, as autoras portuguesas Rosa Cabecinhas, Anabela Carvalho e Alexandra Lázaro abordam que os sentimentos de risco em relação as mudanças no clima “não estão diretamente relacionados com comportamentos pró ambientais. Ações humanas “contra” o equilíbrio da natureza estão salientes na mente dos jovens mas as ações que cada individuo pode desenvolver para melhorar a qualidade do ambiente não estão.” (Cabecinhas et al, 2011)

Elas afirmam que tais resultados demonstram que as pessoas estão mais preocupadas em como lidar com os efeitos das mudanças climáticas do que em modificar ações individuais do dia a dia que poderiam melhorar a qualidade do ambiente. Existe uma tendência por parte dos sujeitos em analisar as mudanças climáticas de maneira bastante “alarmista”, no qual demonstram bastante preocupação acerca do tema, contudo quando se trata de mudança de atitudes as pessoas demonstram ter “pouca mobilidade para ação”. (Cabecinhas et al, 2011, pág. 199)As autoras também referem que os cidadãos têm uma visão alarmista dos problemas ambientais, mas pouca iniciativa de fazer alguma coisa em relação a mitigação dos agentes causadores do aquecimento global. Ao nosso entendimento, esta visão alarmista pode ser influencia da mídia.

Também, segundo estudos internacionais, o nível de conhecimento acerca das alterações climáticas é baixo, mesmo que conforme a metodologia utilizada para medir o grau de informação que as pessoas possuem em relação aos problemas ambientais interfira no resultado obtido. O que acontece, se por exemplo os entrevistados têm de relacionar os problemas em uma lista já pré-estabelecida com elementos como: “diminuição das florestas, centrais termoelétricas a carvão e petróleo, escape dos carros”, trabalho que exige apenas memória e reconhecimento, dá-se um aumento no nível das respostas dos mesmos. Segundo elas, este fato demonstra que as pessoas consideram que o aquecimento global é uma ameaça apenas quando a pergunta é feita explicitamente.

As autoras afirmam que, segundo os testes, os sujeitos demonstram ter uma visão bastante genérica e pouco aprofundada em relação as questões ambientais, não reconhecendo os fatores de risco, fato que pode gerar confusão na hora de escolher que medidas podem ser tomadas para melhorar a qualidade do ambiente em que vivemos. (Lázaro et al, 2011)

Ainda, segundo seus estudos as pessoas dão mais importância a problemas distantes e com pouco impacto em suas vidas diárias, como poluição da atmosfera e do oceano, diminuição da camada de ozônio, alterações climáticas, do que a problemas que podem afetar diretamente seus quotidianos como manipulação genética de alimentos, aumento do número de carros localmente, incineração local de lixo. “Contudo, as alterações climáticas, cujos efeitos se tornarão mais sérios no futuro e que é um problema global, não figurava no topo das preocupações dos respondentes”. (Lázaro et al, 2011, pág.210)

Em relação ao comportamento e intenções de alteração de hábitos em relação a diminuição das mudanças no clima, as autoras afirmam que os entrevistados, em sua maioria, “reportam apenas vontade ou intenção para realizar algum esforço na mitigação das emissões de gases com efeito de estufa, mas não apoiam políticas que interfiram em demasia com a conveniência da sua vida cotidiana”. Alguns estudos ainda apontam que as pessoas estariam mais dispostas a pagar mais para reduzir seus impactos (aumento da eletricidade e combustíveis), contudo estes dados variam de acordo com o nível social dos entrevistados. (Lázaro et al, pág. 200)

2.2 MEDIATIZAÇÃO DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS

O papel da mídia em relação à explanação do tema ambiental é de suma importância para o nosso estudo, pois acreditamos que deste modo conseguiremos perceber como a imprensa vem se posicionando diante do tema e, considerando o poder de dialogar, de exigir ações dos políticos e informar a população sobre os problemas ambientais, concluímos ser necessário compreendermos como ela está se inserindo diante da sociedade, seja em caráter informativo ou até mesmo como parte do processo educacional dos indivíduos em relação às Mudanças Climáticas.

Desta maneira citamos a autora Ulrika Olausson (2011), que em estudos realizados na Suécia comenta que existe uma tendência nas pesquisas de reduzir e simplificar a complexa relação entre a mídia e os receptores. Para ela, as mudanças climáticas são exemplo de um processo cognitivo e discursivo, “where the originally strictly scientific discourse gradually transforms, assumes mundane characteristics” como em expressões do tipo “carbono footprints” e “climate friendly”, que ficam

“integrated into everyday cognition and discourse as social representations”. (Olausson, 2011, pág. 283)

Através de pesquisas realizadas utilizando a metodologia dos grupos focais, a autora observou que as percepções dos entrevistados em relação as causas e as conseqüências das alterações no clima são bastante parecidas às reportagens publicadas na mídias. Então expressões como “nós humanos que destruímos o planeta”, “mudanças climáticas são conseqüência do comportamento humano” e “nós temos a culpa”, que os participantes dos grupos focais utilizaram, apareceram freqüentemente nas entrevistas e na imprensa.

Maxwell T. Boykoff e Jules M. Boykoff (2007) realizaram um estudo de caso sobre a cobertura midiática nos Estados Unidos. Neste estudo, os autores compartilharam da idéia de W. Lance Bennet que indicou que a imprensa é influenciada por três normas em relação às notícias políticas, são elas:

- 1) Normas sobre o papel apropriado da imprensa na política e na sociedade (normas políticas);
- 2) As limitações normativas do lado dos negócios e das empresas jornalísticas (normas econômicas);
- 3) Normas sobre a profissão de jornalista, como objetividade, imparcialidade, exatidão.
(Bennet, 2007 apud Boykoff & Boykoff, 2007, pág. 1191)

Assim, este estudo tratou de explicar como tais normas interferem na cobertura midiática sobre a contribuição humana em relação às mudanças climáticas. Então, realizaram uma pesquisa qualitativa e quantitativa sobre jornais e televisão durante o período de 1988 a 2004 nos Estados Unidos. Em relação à primeira ordem, citada acima, eles afirmam que esta passa pela personalização, dramatização e ineditismo. Os autores acreditam que que estes fatores são “significantes e servem de base na seleção de o que é notícia e na escolha de novas histórias.

Viewed through the personalization lens, the intersection of science and politics becomes a competition between personalities struggling for power and acting strategically in order to improve their prestige and sócio-political leverage. The personalized, human-interest story conforms to the idea news should be about individuals and personalities rather than group dynamics or social processes. (Boykoff & Boykoff, 2007, pág. 1192)

Para Boykoff e Boykoff (2007), ao invés de se concentrar no poder, contexto e processo, a mídia tende a personalizar os problemas ambientais, focando em reivindicações individuais que são

travam batalhas políticas. Para os autores a visão geral acaba sendo desfavorecida em favor de notícias pequenas onde análises estruturais ou institucionais perdem espaço para histórias pessoais. Os autores ainda afirmam que raramente estas histórias pessoais são relacionadas com uma análise social profunda. E revelam que outra norma jornalística muito importante para que consigamos entender as notícias em relação às mudanças climáticas é a dramatização, no qual as matérias que enfatizam o lado dramático tendem a evitar uma análise significativa e mais compreensiva sobre os problemas em prol de realizar uma cobertura sensacionalista, priorizando apenas o evento em si. E discorrem que este tipo de abordagem provavelmente não seja eficaz na compreensão do problema do aquecimento global como um todo. (Boykoff e Boykoff, 2007, pág. 1192)

Existe segundo os autores, juntamente com a dramatização uma predileção pelo que se tem de notícia “nova”, neste caso discussões mais aprofundadas sobre temas que podem já ser tido como “crônicos” ficariam em segundo plano, em favor de coberturas vinculadas à crise, como por exemplo eventos da natureza como tufões, enchentes, secas, etc. (Boykoff e Boykoff, 2007, pág. 1192)

Em relação à segunda ordem, os autores afirmam que somadas às práticas relacionadas da primeira ordem, ainda existem mais duas normas jornalísticas: ordem das autoridades e balanço. A primeira, refere-se a tendência dos jornalistas em entrevistar governantes ou pessoas ligadas à indústrias que “tranqüilizam” o público de que a organização e a segurança serão retomadas. Eles também abordam a questão do balanço, que nada mais é do que a tendência jornalística em colocar “lados” na história, então apresentam uma visão, após entrevistam o outro lado da história, concedendo o mesmo espaço e tempo aos dois, gerando assim um cenário muito semelhante ao de uma batalha entre cientistas. (Boykoff e Boykoff, 2007, pág. 1193) Ainda, para o autor, do ponto de vista informacional, pode-se ter a impressão de uma discussão profunda a respeito do tema, quando na verdade os temas tratados podem ter mais pontos de vistas de pessoas com maior especialidade na área.

These opposing scientists who receive “roughly equal attention,” create the appearance of a hot scientific debate between the upper echelons of the science community, which elides the fact that on one “side” there are thousands of the world’s most reputable climate-change scientists who vigorously engage the process of peer review, while on the other side there are only a few dozen naysayers who generally have not had their skeptical assertions published in peer-reviewed publications. (Boykoff e Boykoff, 2007, pág. 1193)

E ainda acrescentam que o resultado deste tipo de reportagem é uma noção de incerteza científica que acaba por se transformar em uma poderosa arma política. Os autores focaram suas pesquisas nos comportamentos dos profissionais do jornalismo para entender o nível da cobertura do

aquecimento global nos Estados Unidos e concluíram que fatores culturais, como normas jornalísticas de primeira e a segunda ordem citadas acima limitam a ação da mídia.

Ainda os autores citam que tais normas não são as únicas responsáveis pela incerteza acerca do assunto “aquecimento global” e atribuem que outros fatores como: políticos, sociais e econômicos contribuem para que ocorra este fenômeno, uma vez que “os ritmos e rituais do jornalismo não aderem a um fator estrutural estático. Ao invés disso eles são construídos e reforçados pelos praticantes diários do jornalismo como repórteres, editores que estão enredados em discursos políticos e profissionais e ordens normativas. (Boykoff e Boykoff, 2007, pág. 1194)

Desta maneira, para os autores as normas ficam “embutidas” na mente dos profissionais, e assim podem afetar “adversamente as interações entre ciência, política e público”, os autores explicam que aderir às normas como dramatização, personalização, novidade, equilíbrio e autoridade fazem parte de um processo que resulta em uma cobertura tendenciosa do aquecimento global em relação as informações. (Boykoff e Boykoff, 2007, pág. 1194)

2.3 ESTUDOS CULTURAIS E RECEPÇÃO

Para entendermos os efeitos que podem ser evidenciados acerca das notícias veiculadas pela mídia, recorreremos aos Estudos Culturais. Esta perspectiva teórico-metodológica se faz necessária para conhecermos as origens dos estudos em comunicação e compreendermos o caminho que passamos para chegarmos aos formatos de pesquisas atuais.

Ao fazer uma análise dos Estudos Culturais, privilegiando as conexões com os *mass média* e a cultura popular, Escosteguy (2003) e explica que estas duas conexões são um recorte para que ocorra uma reflexão sobre a esfera cultural “como um campo de relações estruturadas pelo poder e por diferenças sociais, sendo portanto um equívoco reduzir o projeto dos Estudos Culturais a um modelo de comunicação”, pois estes estão além do campo da comunicação. (Escosteguy, 2003, pág. 151).

A partir dos anos 50, o campo dos Estudos Culturais, surge de forma organizada através do Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS) ante a mudança dos valores tradicionais da classe operária da Inglaterra do pós-guerra. Então, o pesquisador Richard Hoggart, ligado ao English Department da Universidade de Birmingham, funda o Centro que irá centralizar as pesquisas fundamentadas nas formas culturais, instituições e práticas culturais, relações e mudanças sociais. (Escosteguy, 2003, pág. 152)

Existem três autores principais nestes estudos: Williams, Thompson e Hoggart e estes não apresentam uma intervenção coordenada entre si, porém mostram preocupações em comum que abrangem as relações entre cultura, história e sociedade. A afirmação defendida pelos autores é que pela cultura da sociedade (textos e práticas documentadas de uma cultura) é possível reconstituir o comportamento padronizado e as idéias compartilhadas pelos homens e mulheres que produzem e consomem os textos e as práticas culturais da sociedade. Para a autora estes cientistas “analisam as práticas culturais simultaneamente como formas materiais e simbólicas. Logo, postula-se que a criação cultural se situa no espaço social e econômico, dentro do qual a atividade criativa é condicionada.” (Escosteguy, 2003, 156)

Os Estudos Culturais percebem o receptor como ativo, mudando as pesquisas que anteriormente afirmavam que os indivíduos eram consumidores passivos ou “esponjas” que apenas recebiam as informações, sem contestar.

Portanto, estes Estudos referem-se a forças – econômicas, política e cultural – atuantes na sociedade, competindo e em conflito entre si. Esta “operacionalização” de um conceito expandido de cultura (extensão do significado, no qual a cultura não é apenas artefato) e sim modos de vida (práticas vividas, classes sociais, ambientes diferentes), coloca um sentido de ação, de “agência na cultura”. Assim, a cultura popular (formas de expressões não-culturais) alcança a sua legitimidade, “transformando-se num lugar de atividade crítica e de intervenção”. (Escosteguy, 2003, pág. 157)

A partir dos anos 60 os Estudos Culturais “construíram uma tendência importante da crítica cultural que questiona o estabelecimento de hierarquias entre formas e práticas culturais,, estabelecidas a partir de oposições como cultura alta/baixa, superior/inferior, entre outras binariedades.” (Escosteguy, 2003, pág. 157)

Schwarz, nos apresenta os princípios do projeto dos Estudos Culturais:

A identificação explícita das culturas vividas como um projeto distinto de estudo, o reconhecimento da autonomia e complexidade das formas simbólicas em si mesmas; a crença de que as classes populares possuíam suas próprias formas culturais, dignas de nome, recusando todas as denúncias, por parte da chamada alta cultura, do barbarismo das camadas sociais mais baixas; e a insistência em que o estudo da cultura não poderia ser confinado a uma disciplina única, mas era necessariamente inter, ou mesmo antidisciplinar (Schwarz, 1994, apud Escosteguy, 2003, pág. 157)

Não podemos esquecer que os Estudos Culturais britânicos devem ser vistos tanto do ponto de vista político, quanto teórico, pois tinha a intenção de construir um novo campo de estudos. Estes Estudos configuram uma área onde diferentes disciplinas interatuam. Segundo a autora, “é um campo de estudos em que diversas disciplinas se interseccionam no estudo de aspectos culturais da

sociedade contemporânea, constituindo um trabalho historicamente determinado.” (Escosteguy, 2003, pág. 159)

Uma das principais características dos Estudos Culturais é a multiplicidade de objetos de investigação, ou seja, os temas vinculados às culturas populares e aos meios de comunicação de massa e, após, temáticas relacionadas com identidades sexuais, de classe, étnicas, ou qualquer outra, sobressaem-se a qualquer metodologia programada em períodos, teorias, etc. (Escosteguy, 2003, pág. 160)

Tratando sobre os estudos dos meios de comunicação, Escosteguy afirma que estes caracterizavam-se pela análise da estrutura jornalística. Esta etapa chamava-se “redescoberta da ideologia” e uma das principais idéias era que “os efeitos dos meios de comunicação podiam ser deduzidos da análise textual das mensagens emitidas pelos próprios meios”. (Hall, 1982, apud Escosteguy, 2003, pág. 161). Foi nesta época que os estudos voltados à recepção e a densidade de consumos mediáticos começam a despertar interesse dos pesquisadores.

Então após anos de análises textuais dos meios massivos, os estudos de audiências começam a ser pesquisados na tentativa de analisar empiricamente as diferentes “leituras ideológicas construídas pelos próprios pesquisadores, quanto as posições assumidas pelo receptor”. (Escosteguy, 2003, pág. 161).

A autora nos faz um breve apanhado das mudanças dos Estudos nos anos 80:

Assim, aos poucos, nos anos 80 vão se definindo novas modalidades de análise dos meios de comunicação. Passou-se, então, a realização de investigações que combinam análise de texto com pesquisa de audiência. São implementados estudos de recepção dos meios massivos, especialmente, no que diz respeito aos programas televisivos. Também são alvo de atenção a literatura popular, séries televisivas e filmes de grande bilheteria. Todos eles tratam de dar visibilidade à audiência, isto é, aos sujeitos engajados na produção de sentidos. (Escosteguy, 2003, pág. 165)

Nos anos 90 as investigações sobre a audiência procuram ainda mais capturar a experiência, a diversidade de grupos sociais e principalmente as relações do indivíduo com o meio em que está inserido (global, nacional, local e individual) e suas condições naturais (raça, etnia). A autora aponta continuidade destes tipo de orientação na análise dos meios de comunicação de massa, quando refere-se:

Ao contrário, cada vez mais o objeto de investigação se diversifica e se fragmenta. Contudo, no ponto de encontro destas duas frentes, meios de comunicação e Estudos Culturais, identifica-se uma forte inclinação em refletir sobre o papel dos meios de comunicação na

constituição de identidades, sendo esta última a principal questão desse campo de estudos na atualidade. (Escosteguy, 2003, pág. 167)

2.4 A EVOLUÇÃO DAS TEORIAS EM COMUNICAÇÃO

Ao realizarmos nossa pesquisa, notamos ser de suma importância discorrermos sobre o avanço dos estudos em relação ao processo de compreensão da mídia e da sociedade, para tal utilizamos como base de nossa pesquisa o autor Mário Wolf (1994), que nos relaciona a relevância de estudarmos desde a teoria hipodérmica até os avanços das pesquisas comunicacionais. Lund afirma que “na relação complexa que existe entre o organismo e o ambiente, o elemento crucial é representado pelo estímulo”, ou seja, deve ser analisado os objetos e também as condições inerentes ao sujeito, que juntas motivam uma resposta. Assim, ficaria impossível separar o estímulo da resposta gerada e deste modo, caso existisse uma resposta, haveria igualmente um estímulo, uma vez que “uma resposta não estimulada é como um efeito sem causa”. (Wolf apud Lund, 1994, pág. 24)

Lund partia do princípio que qualquer estímulo geraria um efeito e a partir das condições da sociedade da época, que vivia isolada fisicamente e normativamente, surge assim o modelo bastante simplista de que: $E \rightarrow R$ (Estímulo \rightarrow Resposta), mesmo que já se soubesse o caráter complexo que tal estudo abrangeria, como por exemplo o contexto em que se examina o estímulo e, também, os conhecimentos anteriores do indivíduo. (Lund, 1933 apud Wolf, 1994, pág. 25)

Lund fez estas afirmações baseado em critérios como instantaneidade, a mecanicidade e a amplitude dos efeitos, desta maneira os meios de persuasão surgiram como um fato novo e neste contexto “grandes massas de indivíduos eram representadas, segundo hábitos de pensamento heterogêneos mas concordantes neste ponto, como atomizadas, alienadas, primitivas”. (Wolf, 1994, pág. 25) Em outras palavras, segundo o autor, a teoria hipodérmica afirmava que se o receptor tivesse sido “apanhado” pela propaganda, poderia ser manipulado a agir, para ele este é o ponto de partida das pesquisas posteriores que focaram seus estudos em modificar esta visão sistêmica do processo de recepção dos indivíduos.

Segundo Wolf, um dos principais modelos é o de Lasswell, que evolui a teoria hipodérmica, na qual introduz o que temos hoje aprimorado como “lead”, na época o autor analisou que para descrevermos um ato comunicacional devemos responder as perguntas: “quem? , diz o que? , através de que canal? , com que efeito? – o estudo científico do processo comunicativo tende a concentrar-se em uma ou outra destas interrogações” (Laswell, 1948 apud Wolf, 1994, pág. 26)

Desta maneira, segundo Wolf, Lasswell organiza as pesquisas comunicacionais em setores: estudo dos emissores, análise do conteúdo das mensagens, análise dos meios, audiência e efeitos. E ainda, o pesquisador sugere que os processos de recepção são “estritamente assimétricos”, possuindo assim “um emissor ativo que produz o estímulo e uma massa passiva de destinatários que, ao ser atingida pelo estímulo reage”, também Lasswell avaliou que a comunicação tem um objetivo, também é “intencional” e possui um efeito que pode ser observado “a medida em que gera um comportamento que se pode de certa forma associar a esse objetivo”, além disso o autor avaliou que os papéis de comunicador e destinatário surgem “isolados, independentes das relações sociais, situacionais e culturais” na qual a comunicação se realiza, uma vez que os pesquisadores não acreditavam que grupos como família e amigos influenciasse no resultado de um objetivo comunicacional”, ou seja, as relações dos indivíduos não eram importantes do ponto de vista do estudo das teorias da comunicação. (Lasswell, 1948 apud Wolf, 1994, pág. 27)

Com a evolução das pesquisas observou-se, segundo Wolf, que o receptor não era este sujeito passivo e poderia decidir por si próprio o que ouvir, o que não ouvir e ainda, mesmo ouvindo, poderia ser gerado ou não algum efeito ou até mesmo gerar um efeito contrário à intenção do emissor da mensagem, desta maneira surgiram linhas de estudos que abandonariam as premissas da teoria hipodérmica inicial. (WOLF, 1994)

Desta maneira, o autor destaca que:

Persuadir os destinatários é um objectivo possível, se a forma e a organização da mensagem forem adequadas aos factores pessoais que o destinatário activa quando interpreta a própria mensagem. Por outras palavras, as mensagens dos meios de comunicação contêm características particulares do estímulo que interagem de maneira diferente com os traços específicos da personalidade dos elementos que constituem o público. (Wolf, 1994, pág. 31)

Assim, através de estudos percebeu-se que características psicológicas da audiência como interesse em obter informação, exposição seletiva, interpretação seletiva e memorização seletiva são fatores que delimitam o grau de exposição do receptor diante de informações midiáticas. O autor discorre que “a existência de uma parte do público que não possui qualquer conhecimento sobre os assuntos tratados numa campanha, está relacionada com o interesse e a motivação em informar-se”. (Wolf, 1994, pág. 33)

Porém, nem todas as pessoas se interessam pelos mesmos temas e o autor sugere que fatores como dificuldade de acesso à informação, apatia social, além de outras causas podem estar relacionados com esta “falta de interesse”, Wolf explica que:

Quanto mais expostas as pessoas são a um determinado assunto, mais o seu interesse aumenta e, à medida que o interesse aumenta, mais as pessoas se sentem motivadas para saberem mais acerca dele. De qualquer forma, mesmo que a ligação entre motivação e aquisição de conhecimentos esteja relacionada com a possibilidade de ser exposto a certas mensagens (por isso as pessoas desinteressadas o são, em parte, por não terem sequer possibilidades de acesso), mantém-se o facto de o êxito de uma campanha de informação depender do interesse que o público manifesta pelo assunto e da amplitude dos sectores de população não interessada. (id, 1994)

Neste sentido, relacionando com o nosso tema, percebemos a importância da mídia quando trata do tema das alterações climáticas, uma vez que segundo as autoras Anabela Carvalho, Eulália Pereira, Ana Teresa Rodrigues e Ana Patrícia Silveira (2011) “dado o carácter geográfico e temporalmente difuso do problema e o facto de sua detecção e avaliação depender fortemente da ciência, a comunicação social é um mediador crucial para o público” (Carvalho et al, 2011, pág. 105) E ainda, Corbee & Durfee (2004), concluíram em seus estudos que a comunicação de massa e a comunicação interpessoal contribuem positivamente para o entendimento embora ajudem a perpetuar alguns entendimentos errados e incertezas a respeito do tema.

Contudo, entendimentos acerca de determinado tema ainda está dependente do facto de que, segundo Wolf, as pessoas tendem a assimilar questões que estão de acordo com as suas atitudes e a evitar mensagens que estão contrárias às suas posturas, o autor sugere que as campanhas de persuasão são bem acolhidas sobretudo por indivíduos que já estão de acordo com as opiniões apresentadas ou que já foram sensibilizados para os temas propostos, seguindo esta teoria, podemos inferir que discussões ligadas ao dia a dia dos indivíduos tendem a receber mais atenção. Em pesquisa realizada com base em indivíduos americanos (e.g Brechin 2010), conclui-se que as pessoas pensam mais em relação ao clima sob condições climáticas ruins e quando a cobertura midiática é mais enfática quanto à estes temas. Ainda, de acordo com Brechin esta preocupação não está necessariamente ligada à riqueza de um país, visto que “países mais pobres podem mostrar níveis mais elevados de preocupação” (Lazaro et al. Apud Brechin, 2011, pág. 199).

Ainda citando Wolf (1994), ao nos expormos à algum meio midiático não estamos desprovidos de nossos valores pré estabelecidos, nossas histórias de vida e nossos pensamentos, desta maneira interpretamos as mensagens, transformando-as, adaptando-as juntamente com nossas atitudes e valores e após, podemos mudar completamente o significado da mesma mensagem. O autor afirma que “os mecanismos psicológicos que contribuem para reduzir potenciais fontes de tensão excessiva ou de dissonância cognitiva, influenciam grandemente o processo de percepção do conteúdo das comunicações de massa”. (Wolf, 1994, pág. 36)

Neste mesmo sentido Wolf atenta também sobre a memorização seletiva, que indica que as pessoas memorizam mais as representações que estão de acordo com suas atitudes e opiniões próprias e refere a existência do que é chamado “efeito latente”, o qual “a eficácia persuasiva é quase nula imediatamente após a exposição à mensagem mas, à medida que o tempo passa, essa eficácia aumenta”. (Wolf, 1994, pág. 37)

Então, podemos considerar que estes fatores pode afetar a percepção que os indivíduos tem em relação às mudanças climáticas e ao aquecimento global, pois como já abordamos anteriormente existem matérias ambientais que vão contra o que as pessoas tem enraizado como correto, deste modo pode-se haver uma contradição em relação ao que é considerado problema e ao que efetivamente é problema ambiental próximo. Então voltamos às autoras portuguesas que afirmam que em estudo realizado em Portugal mostrou-se que “as pessoas consideram as alterações climáticas como um problema preocupante e que é necessária uma solução, mas não identificam causas importantes como o uso de combustíveis Fósseis e o consumo de eletricidade, e não reportam usar menos o carro (Nave, Schmidt & Pato, apud Lazaro et al, 2011, pág. 201), para elas “as pessoas aceitam mudanças gerais que apóiam causas ambientais mas levantam objecções à aplicação destas mudanças na esfera privada” (id, 2011, pág. 201).

Igualmente relevante, uma vez que a mídia é considerada por muitos indivíduos uma fonte de informação importante em relação aos temas ambientais, abordaremos no próximo capítulo a importância das mensagens transmitidas.

2.5 OS IMPACTOS DA MÍDIA

Saber como matérias voltadas ao Meio Ambiente estão sendo interpretadas dentro da esfera social de determinados indivíduos faz-se necessário para compreendermos se as iniciativas voltadas à esta editoria são satisfatórias no processo de conscientização da sociedade. Wolf (1994) acrescenta que para pesquisarmos sobre as mensagens transmitidas devemos ter em mente quatro fatores: a credibilidade da fonte, a ordem da argumentação, a integralidade das argumentações e a explicitação das conclusões.

Parafraseando o autor em relação à credibilidade do comunicador:

Se for avaliado logo após a captação da mensagem, o material atribuído a uma fonte credível provoca uma mudança de opinião significativamente maior do que o atribuído a uma fonte pouco credível. Se, pelo contrário a avaliação for feita após um certo espaço de tempo

(quatro semanas) entra em cena o efeito latente e a influencia da credibilidade da fonte considerada como não sendo digna de credito diminui, à medida que se esbate a imagem da própria fonte e a sua não-credibilidade, permitindo assim uma maior apreensão e uma maior assimilação dos conteúdos. (Wolf, 1994, pág. 38)

Deste modo, em relação aos nossos estudos, as fontes são importantes para que se obtenhamos realmente uma mudança de hábitos e para que, pelo menos, se debata mais acerca do aquecimento global e das mudanças no clima, as autoras Anabela Carvalho, Alexandra Lázaro e Rosa Cabecinhas afirmam que “a credibilidade da informação é importante para construir conhecimento sobre uma questão tão complexa e cheia de incertezas como são as alterações climáticas”. (Lazaro et al, 2011, pág. 202)

O autor Wolf (1994), aborda também que a ordem pela qual as argumentações surgem, podem influenciar no entendimento das mensagens, e declara que o conhecimento e a familiaridade com o tema faz com que as mensagens iniciais tenham mais eficácia (*efeito recency*), por outro lado se os receptores não tem conhecimento algum sobre as informações transmitidas verifica-se uma maior influencia dos assuntos iniciais (*efeito primacy*).

2.6 A MÍDIA E O PROCESSO DE RECEPÇÃO

Falaremos neste assunto, com base nas teorias do autor austríaco Fritjof Capra (2003) que explica como os seres realizam o processo de cognição e ainda trata o tema da recepção como redes e do mexicano Guillermo Orozco Gómez que trata da recepção em relação à televisão.

O autor austríaco analisa que para compreendermos como tais valores existem, devemos estar atentos para o fato de que mente e consciência são processos cognitivos. Desta maneira, o conhecimento acerca de determinados assuntos surge a partir da informação e do “processo de viver”. (Capra, 2002, pág. 50)

Para ele “as interações de um organismo vivo – vegetal, animal ou humano – com seu ambiente são interações cognitivas. Assim, a vida e a cognição tornam-se inseparavelmente ligadas. A mente – ou melhor – a atividade mental – é algo imanente à matéria em todos os níveis de vida”, ou seja, segundo o autor todo o processo de entendimento da vida ocorre através da percepção, emoções e comportamentos e não necessariamente necessitam de cérebro e sistema nervoso. (id, 2002, pág. 50)

Assim, o autor cita a “Teoria de Santiago”, que explica que os componentes de uma rede influenciam e são influenciados constantemente, porém mantendo sua identidade global e seu padrão de organização, defendendo que a interação do ser com o ambiente gera mudanças na estrutura do meio e assim, influencia comportamentos futuros. Para ele, trata-se de um “sistema que aprende”, em outras palavras “viver é conhecer”. (Maturana e Varela apud Capra, 2002, pág. 52)

Capra analisa que como ser-humanos somos dotados da capacidade de “pensarmos e refletirmos, comunicamo-nos através de uma linguagem simbólica, formulamos juízos de valor, elaboramos crenças e agimos intencionalmente; somos dotados de autoconsciência e temos a experiência da nossa liberdade pessoal” (Ibid, 2002, pág. 66)

Cabe destacar que, compactuando com as idéias de crença do autor austríaco Fritjof Capra, as autoras acreditam que os interrogados ao responderem que determinadas ações são positivas ou negativas, expõem o que as pessoas acreditam, e que se antecede à atitudes. Por exemplo, os cidadãos crêem que reciclar o lixo faz bem para o meio ambiente, logo o procuram fazer.

As autoras argumentam:

Estas são consideradas como antecedentes das atitudes, no sentido em que instadas a explicar por que motivo avaliam negativamente a um objeto, as pessoas irão recorrer a um conjunto de crenças para o fazer – isto é, irão produzir afirmações às quais pode ser ligado um gradiente de concordância e discordância, ou de verdade e falsidade. (CASTRO, apud Lazaro et al., 2011, pág. 4)

Neste momento, acreditamos ser importante situarmos a nossa escolha pela televisão, partindo da idéia que Martin-Barbero nos traz sobre a importância da televisão na America Latina. Diz ele:

A televisão não traz consigo apenas um maior investimento econômico e uma maior complexidade de organização industrial, mas também um refinamento qualitativo dos dispositivos ideológicos. Imagem plena da democratização desenvolvimentista, a televisão “realiza-se” na unificação da demanda, que é a única pela qual pode conseguir a expansão do mercado hegemônico sem que os subalternos se ressintam dessa agressão. Se somos capazes de consumir o mesmo que os desenvolvidos, é porque definitivamente nos desenvolvemos. (Martin-Barbero, 1997, pág. 253)

Assim, o autor nos indica a tendência que a televisão tem em absorver as diferenças sem conflitos, uma vez que, quando a televisão consegue unir o espetáculo com o cotidiano das pessoas, este meio de comunicação em massa consegue controlar as diferenças, gerando assim um sentido de familiarização, trazendo a idéia de que até pessoas ou locais mais remotos tem semelhança conosco

ao mesmo tempo que converte o “outro” à uma distância que faça com que não nos sintamos relacionados com o meio que, por vezes, pode estar mais próximo que aquele que nos identificamos.

Desta maneira, dois pontos tornam-se importantes em relação ao estudo das teorias da recepção: o momento em que o indivíduo acendia ou apagava a televisão e a troca de canais, ou seja, segundo o autor estes estudos davam ênfase à exposição do receptor à televisão e não ao processo de interação do mesmo.

Porém, Orozco-Gómez a interação “TV X Audiência” é um processo complexo, multidimensional e multidirecional que abrange vários momentos que transcendem ao momento da relação física com o aparelho de televisão.

Para ele, a primeira observação que deve ser feita é a duração do processo de recepção, uma vez que “dentro da tradição positivista dos efeitos dos meios, a recepção televisiva se reduzia ao tempo específico que uma pessoa estava diante da tela, em contato físico com a mensagem televisiva”. (Orozco, 1993, pág. 32)

De encontro à este pensamento, Martin-Barbero afirma que é importante estudar as mediações dos lugares onde provêm as “construções que delimitam e configuram a materialidade social e a expressividade cultural da televisão”. (Martin-Barbero, 1997, pág. 294)

Tais mediações, segundo Orozco-Gomes, se originam através de várias fontes: “na cultura, na política, na classe social, no gênero, na idade, na etnia, nos meios, nas condições situacionais e contextuais, nas instituições e movimentos sociais”, para ele também se originam na mente do indivíduo, mas suas emoções e experiências pessoais. (Orozco, 1993, pág. 34) Deste modo, cada fonte de mediação pode influenciar também outras fontes e também o entendimento do indivíduo sobre estas ou o sentido que tais experiências podem gerar quando o telespectador assiste a televisão.

Contribuindo com este pensamento, Martin-Barbero analisa que para “medir” tais influencias, não se deve “introduzir um tema e mais” no espaço determinado e sim notar o lugar onde o sentido econômico e político é formado dentro de uma sociedade. (Martin-Barbero, 1997, pág. 233).

Então, Orozco-Gómez dividiu os tipos de mediações em quatro grupos: individual, situacional, institucional e vídeo-tecnológica.

A mediação individual, segundo ele, é realizada a partir do sujeito, “tanto como indivíduo com um desenvolvimento cognitivo e emotivo específico, como em sua qualidade de sujeito social, membro de uma cultura”. (Orozco, 1993, pág. 34) Para o autor, esta mediação é a principal, uma vez que é através da ação cognitiva que o sujeito pode realizar “esquemas mentais”.

Há também o gênero (sexo), uma vez que existem, segundo alguns estudos, diferenças no modo em que o homem e a mulher prestam atenção na televisão. A idade, por sua vez, exerce função de diferenciação na interação TV-auditório, assim pessoas de diferentes idades optam por diferentes programas de televisão. A cultura serve como orientação na maneira que o sujeito realiza diferentes ações, tais como a “maneira de aproveitar do tempo livre, formas de entretenimento, hábitos de aprendizagem e de ver televisão, etc.” (Orozco, 1993, pág. 36)

Ele ainda salienta que a etnicidade, quando abordada cuidadosamente pode servir como outra fonte de mediação, já que esta pode “relativizar as condições sócio-econômicas e políticas, especialmente quando esta se associa com grupos minoritários. (id, 1993, pág. 36)

Em outro tipo de mediação, a mediação situacional, o autor fala da situação em que ocorre a interação do receptor com a televisão. É importante salientar que, segundo ele, cada cenário traz possibilidades e limitações no processo da recepção televisiva, “tanto no nível espacial como no nível de interação possível do tele-auditório. (id, 1993, pág. 36)

Assim, citando como exemplo, um local pequeno, constituído apenas por integrantes da família gera um tipo de recepção, enquanto um local grande com diferentes pessoas pode gerar diferente resultado, ainda que o programa observado seja o mesmo.

O autor ainda diz que já que o processo de recepção da TV transcende o momento em que os indivíduos assistem à mesma, as mediações situacionais “procedem também dos cenários específicos, onde os membros do auditório interagem usualmente: a escola, a rua, as reuniões com amigos, o local de trabalho, as reuniões de bairro, a igreja e assim sucessivamente.” (Orozco, 1993, pág. 37)

Tratando da mediação institucional, o autor analisa que os indivíduos podem pertencer à diferentes instituições ao mesmo tempo e exemplifica:

Os adolescentes constituem um segmento característico de TV e ao mesmo tempo são membros de uma família e geralmente pertencem a um grupo de semelhantes, também são estudantes e participam de outras instituições tais como os esportes, as boates e os bairros. Sua participação regular nestas instituições significa que estes seguem algumas regras e procedimentos institucionais e são objetos de diferentes mediações, mesmo que sua participação seja algo ocasional. (Orozco, 1993, pág. 37)

Ainda, o autor aborda a televisão como mediação vídeo-tecnológica e afirma que a TV produz sua própria mediação e se utiliza de recursos para se impor em relação à sua audiência, contudo, como meio eletrônico a televisão possui algumas características que a diferencia em relação aos outros tipos de mediação. (Orozco, 1993, pág. 38)

Também o autor afirma que a mediação própria da TV não é um processo derivado apenas de características tecnológicas da mesma, e sim um processo específico que se origina antes do contato físico com a televisão e depois também, no qual o aparelho de televisão configura apenas serve para dar uma localização “concreta” do seu auditório.

Ainda citando o autor Orozco Gómez, a mediação múltipla de uma audiência faz com que a interação dos receptores com a televisão varie completamente. Fator que gera no investigador diferentes possibilidades de estudos.

As vezes a mediação institucional joga um papel forte em uma interação específica da audiência com a TV. Em outras ocasiões existe outro tipo de mediação que tem um papel principal na recepção televisiva, isto, sem dúvida, não significa que toda a interação seja única ou que a recepção da TV seja desordenada. (Orozco, 1993, pág. 39)

Orozco ainda completa a idéia com a reflexão de que a interação TV-auditório é composta por combinações específicas de mediações e mesmo que a televisão seja vista fisicamente por indivíduos, deve-se considerar este intercâmbio como um processo sócio-cultural, que segue alguns padrões que podem ser mudados com o tempo, ou seja, as mediações não são estáticas. (Orozco, 1993, pág. 39).

Para ele, “no processo de recepção poderia haver diferentes tipos de comunidades: a comunidade que assiste a televisão, as comunidades que se apropriam do discurso televisivo e as comunidades que se re-apropriam do mesmo.” (Orozco, 1993, pág. 39) E, isso faz parte do processo de gerar sentido ao conteúdo transmitido pelo aparelho televisivo.

Deste modo, o autor cita o conceito criado pelo americano Stanley Fish (1980) sobre “comunidade interpretativa”, a qual é composta por um grupo de indivíduos unidos por um conjunto de hábitos sociais, das quais surgem preferências televisivas específicas ao longo de uma combinação própria de mediações. (id, 1993, pág. 39)

Contudo, o autor explica que por mais que para a maioria dos investigadores a família seja o grupo com o qual os sujeitos sociais assistem televisão, não significa que esta seja o grupo com o qual os indivíduos interpretam os conteúdos transmitidos. Ou seja, talvez o receptor analise que outra comunidade é mais relevante para se discutir o tema apresentado na televisão, e isto faz com que ele se aproprie da interação com a TV para debater assuntos, assim, gerando re-apropriações e assim sucessivamente. (Orozco, 1993, pág. 40).

Orozco afirma que por mais que existam comunidades interpretativas e também mediações em relação as interações dos receptores com a televisão, o sujeito não pode ser considerado passivo já

que as audiências interagem com criatividade e “diferencialmente com a mediação múltipla da TV.” (id, 1993, pág. 40)

Ele observa que as agendas das audiências e as praticas de recepção televisiva tem um propósito e são seletivas.

Às vezes, os teleauditórios não são completamente conscientes delas, ou suas práticas são rotineiras, mas não se pode negá-las. Estas se desenvolvem ao longo dos cenários sócio-culturais específicos e se traduzem no que nós, investigadores, poderíamos identificar como “estratégias de recepção televisiva”. Estas estratégias estão as vezes estruturadas em relação com várias coordenadas e derivadas da mediação múltipla de acordo com a percepção delas pelo sujeito. (id, 1993, pág. 40)

O autor ainda afirma que uma estratégia de recepção da TV, como prática social específica compreenderia três componentes principais: “socialização, ritualização e tecnologia”.

Socialização é então o conjunto de interações estruturadas pela audiência em sua luta por apropriar-se criativamente da ordem social, neste caso proposta pela TV. A socialização também compreende as negociações cotidianas entre os membros da audiência e o poder institucional. O poder nas praticas de comunicação se exerce entre outros mecanismos através do discurso “autolegitimizante” dos meios (especialmente da TV) e dos determinantes sócio-culturais próprios da audiência dos meios; autoridade, expectativas e possibilidades econômicas para ter acesso a um entretenimento cultural variado. (id, 1993, pág. 40)

O componente da ritualização se refere a interação de repetição que determinada audiência realiza conscientemente enquanto assiste a televisão, ou seja, como os integrantes interagem entre si, com a televisão e além deste aparelho.

A tecnicidade se baseia no fato de que cada meio ou gênero televisivo possui sua especificidade, como por exemplo as opiniões dos patriarcas das famílias a respeito do que pode ser visto na TV, gerando em contra-partida tecnicidades específicas em diferentes programas televisivos, segmentos para jovens, adultos, idosos, mulheres, homens. (Orozco, 1993, pág. 41)

Deste modo, segundo o autor a audiência desenvolve suas próprias maneiras de decidir o que deve ser assistido ou não diariamente durante a sua interação com o aparelho televisivo. O autor afirma que estas estratégias tem dois níveis: o normativo e o pragmático. No primeiro, os receptores associam seus ideais com a percepção que os mesmos tem do seu papel como audiência. Já, no nível pragmático a recepção pode ser compreendida em ações “aparentemente espontâneas” na maneira de visualizar a TV. (Orozco, 1993, pág. 42)

Ainda, Orozco Gómez discorre que os esforços para estudar a recepção qualitativamente com uma perspectiva comparativa, deveriam adotar tais estratégias de percepção como enfoque central,

para desta maneira observar como a audiência “joga” com as múltiplas mediações durante a interação com a televisão. O autor conclui que este modo de pesquisa tem pelo menos duas considerações: “uma é a necessidade de analisar a dialética da mediação em contextos sócio-culturais específicos e a outra é a necessidade de captar a agenda do auditório dentro da multiplicidade de mediações”. (Orozco, 1993, pág. 42)

E finaliza afirmando que o melhor para se analisar qualitativamente os comportamentos em relação a recepção seria comparar as mesmas estruturas das interações com a televisão por diferentes audiências. (Orozco, 1993, pág. 42)

Já, para Martin-Barbero vivemos em um mundo de consumismo, no qual a oferta de aparelhos de televisão está intimamente ligada ao poder aquisitivo dos indivíduos e, para os programadores e produtores a única coisa que parece importar é a “inovação tecnológica, e não o uso social daquelas potencialidades técnicas parece estar fora de seu interesse”. (Martin-Barbero, 1997, pág. 294)

O autor analisa as mediações de acordo com três “lugares”: cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural. Para ele, na América Latina a televisão tem na família a unidade básica de audiência, por ser um local onde os indivíduos podem se confrontar, podendo expressar ansias, pensamentos e frustrações. (Martin-Barbero, 1997, pág. 295)

Para ele, no entanto, a mediação da cotidianidade familiar não se limita apenas ao estudo da recepção, uma vez que pode ser registrada as suas próprias marcas no discurso televisivo, ou seja, “a televisão assume e forja os dispositivos fundamentais: a simulação do contato e a retórica do direto”. (id, 1997, pág. 295)

O autor explica que a simulação do contato são os mecanismos pelos quais a televisão configura o seu modo de comunicação sobre o olhar da “função fática”, na qual os indivíduos não estão totalmente concentrados no aparelho, ocorrendo a necessidade de “intermediários que facilitem o trânsito entre a realidade cotidiana e o espetáculo ficcional”. (Martin-Barbero, 1997, pág. 296)

E nos elucidada como o “apresentador-animador” executa o papel de interlocução:

A televisão recorre a dois intermediários fundamentais: um personagem retirado do espetáculo popular, o animador ou apresentador, e um certo tom que fornece o clima exigido, coloquial. O apresentador-animador – presente nos noticiários, nos concursos, nos musicais, nos programas educativos e até nos “culturais” para reforçá-los – mais do que um transmissor de informações, é na verdade um interlocutor. Daí seu tom coloquial e a simulação de um diálogo que não se restringe a um arremedo do clima “familiar”. (id, 1996, pág. 296)

Segundo Martin-Barbero, a televisão na América Latina, durante muito tempo foi considerada um “rádio com imagens”, provando o subdesenvolvimento da mesma e dos países que estava inserida, por usar predominantemente o “verbal”, porém na atualidade com o avanço das tecnologias a explicação deste fenômeno não é mais plausível, e o autor articula que “começamos a suspeitar de que a predominância do verbal na televisão se inscreve na necessidade de subordinar a lógica visual à lógica do contato, dado que é esta que articula o discurso televisivo sobre o eixo da relação estreita e a preeminência da palavra em culturas tão fortemente orais”. (Martin-Barbero, 1997, pág. 296)

E, abordando a retórica do direito apontada acima, o autor aborda que a televisão é organizada sobre o eixo da proximidade e da magia de ver, ou seja, no aparelho televisivo temos a sensação de imediatez, que segundo o autor é uma das características do nosso cotidiano. O autor explica que nos identificamos com os personagens da televisão, porque ao contrário das imagens do cinema, por exemplo, onde os rostos são misteriosos, distantes, na televisão as faces são amigáveis, não são fascinantes e nem vulgares.

Ainda reitera que na TV esta proximidade dos personagens e dos acontecimentos faz com que o sujeito sinta-se familiarizado com tudo, trata-se de “um discurso que produz seus efeitos a partir da mesma forma com que organiza as imagens: do jeito que permitir maior transparência, ou seja, em termos de simplicidade, clareza e economia narrativa”. (Martin-Barbero, 1997, pág. 297)

Da mediação da temporalidade social, o autor argumenta que na nossa sociedade o tempo é valorizado pelo capital, “é o tempo que transcorre e é medido, o outro, constituinte da cotidianidade, é um tempo repetitivo, que começa e acaba para recomeçar um tempo feito não de unidades contáveis, mas sim de fragmentos” (Martin-Barbero, 1997, pág. 297)

E traz este pensamento para a televisão quando trata da grade da programação, na qual cada texto televisivo “remete seu sentido ao cruzamento de gêneros e tempos.

Enquanto gênero, pertence a uma família de textos que se replicam e reenviam uns aos outros nos diferentes horários do dia e da semana. Enquanto tempo “ocupado”, cada texto remete à seqüência horária daquilo que o antecede e daquilo que o segue, ou àquilo que aparece no palimpsesto nos outros dias no mesmo horário. (Martin-Barbero, 1997, pág. 298)

Para o autor, a partir da televisão conseguimos analisar dois tempos: o fragmento e a série e cita como exemplo um seriado, no qual existe a língua do sistema produtivo – standardização – mas também existem outras formas de linguagem como: história popular, canção com refrão, a narrativa

aventuresca, serialidade, que faz com que fique possível a “reprodutibilidade técnica, aquele sensorium ou experiência cultural do novo publico, que nasce com as massas”. (Martin-Barbero, 1993, pág. 298)

Nesta altura, o autor analisa que pode se falar em uma “estética da repetição, que trabalhando a variação de um idêntico ou a identidade de vários diversos”, que ajusta a descontinuidade do tempo de uma narrativa com a ininterrupção do tempo narrado. (Martin-Barbero, 1993, pág. 298)

E, por último, o autor argumenta não concordar diante da competência cultural, que ocupa o contraditório significado do massivo e faz com que a televisão não seja considerada quando se discute políticas culturais, uma vez que não existem “grandes obras” produzidas pela mesma, para ele a televisão “ativa a competência cultural e a seu modo dá conta das diferenças sociais que a atravessam”. (Martin-Barbero, 1993, pág. 300)

3 METODOLOGIA

Utilizando como base as teorias de múltiplas mediações dos autores Orozco-Gómez, Martin-Barbero e Fritjof Capra que enfatizam o papel ativo do receptor e relacionam a importância das mediações no processo de interação com a mídia. Desta maneira, com a intenção de perceber como a reportagem escolhida é recebida e quais os conceitos já pré-estabelecidos existiriam nos participantes desta pesquisa. Então, a partir da realização de encontros com dois grupos focais com base na matéria veiculada no Programa Fantástico, que trata da temática do Aquecimento Global, buscamos identificar através das respostas escritas e na fala dos indivíduos elementos que nos ajudassem a compreender em qual contexto o Jornalismo Ambiental se insere na contribuição para uma conscientização em relação ao Meio Ambiente.

Partindo do pensamento de Martin-Barbero (1997), pesquisamos como a informação oriunda do meio televisão faz com que o público mude a sua percepção do cotidiano e uma vez que o autor indica que a TV exerce o poder de aproximar o indivíduo com locais e coisas muitas vezes distantes através do uso das técnicas que estão bem representadas em nossa matéria escolhida: sons e imagens de boa qualidade, buscamos desenvolver uma estratégia com duas metodologias principais: aplicação de questionário fechado e entrevista aberta com os sujeitos dos grupos. Assim, reproduzimos uma reportagem da série de reportagens “Terra: Que tempo é este?” e coletamos dados qualitativos obtidos através de anotações de comentários relevantes citados pelos participantes, bem como determinadas posturas que demonstraram a relação de tais pessoas com o aquecimento global e com a televisão.

Nossa opção pela série de reportagens, veiculada no Programa Fantástico, exibido na Rede Globo, foi pelo fato de este ser transmitido em canal aberto, em horário nobre e no domingo, podendo desta maneira ter sua audiência favorecida.

3.1 A REVISTA ELETRÔNICA FANTÁSTICO

Ao pesquisarmos o site do programa, nos deparamos com uma interessante linha do tempo, que traz a história do mesmo de forma bastante completa. (Site Globo, 2011) A revista semanal Fantástico teve sua estréia no dia 5 de agosto de 1973 com o objetivo inovador de unir jornalismo e entretenimento. Assim, seguindo as idéias do diretor desta época Augusto César Vanucci, o programa ainda apresentado em preto e branco misturava musicais, informações internacionais, teleteatros e ainda notícias diárias.

No ano de 1977, a direção do programa mudou e com o novo diretor José Itamar de Freitas o jornalismo propriamente dito passou a ter maior espaço, assim as notícias poderiam ainda trazer humor e diversão, desde que houvesse informações relevantes nas mesmas, Freitas também exigiu que as informações de cunho científico trouxessem linguagem acessível a todos os telespectadores.

Em 1988, ainda sobre o domínio de Freitas, o Fantástico começou a ser apresentado por um dos mais conhecidos jornalistas do Brasil: Willian Bonner, que contava com mais dois colegas de profissão: Sérgio Chapelin e Valéria Monteiro, desta maneira perdeu um pouco o formato de revista eletrônica e passou a ter um formato mais jornalístico. Crescendo também os correspondentes internacionais, distribuídos ao redor do mundo para trazerem notícias atuais e globais aos programa.

Em 1998, o Programa Fantástico segundo informações obtidas na página do programa, foi o primeiro a ser transmitido pela internet em tempo real, também foi pioneiro na difusão digital no Brasil, no qual os jornalistas conseguiam ser inseridos diretos da França, devido à Copa do Mundo. Ainda, foi o primeiro programa a possuir e-mail, buscando assim maior interatividades com os telespectadores.

No ano de 2005, foi lançada uma edição impressa do programa que recebeu o nome de Almanaque Fantástico, ainda na televisão o programa optou por apresentar séries de reportagens com formatos maiores, documentários com informações científicas e programas relacionados à saúde pública. No ano seguinte, o Programa apresentou em 3 blocos (3 semanas), o documentário “Falcão: Meninos do Trafico” produzido pela Central Única de Favelas, abrindo espaço inédito no programa para produções independentes, a conseqüência foi o troféu Rei da Espanha, um dos maiores prêmios jornalísticos do mundo pela edição e exibição do mesmo.

Porém, foi no ano de 2007 segundo o site que o Programa atentou para os riscos das alterações climáticas no planeta adaptando a série *Caos no Clima* da emissora BBC, também abordou a questão do uso e desperdício da água no planeta e criou um quadro chamado “O Mundo de Valentina”, no qual foi acompanhada criança desde o útero materno até o nascimento e parte do crescimento que alertava sobre as conseqüências das atitudes tomadas no dia a dia.

Devido a agenda que ocorreria no México a Conferência das Partes (COP 16), onde 192 países discutiriam questões importantes em relação aquecimento global, o Programa estreou a série de reportagens *Terra: Que Tempo é Esse*, no qual os jornalista Sônia Bridi e Paulo Zero percorreram 12 países nos quais este fenômeno pode ser facilmente identificado.

3.2 BRASIL E AUSTRÁLIA: REPORTAGEM TRANSMITIDA

Ao longo desta pesquisa, abordamos diversas vezes a importância da mídia em relação à divulgação de notícias ambientais aos cidadãos, então não podemos deixar de lado o programa no qual a reportagem escolhida para estimularmos o diálogo entre os participantes da nossa pesquisa está inserida. Durante os meses de outubro, novembro e dezembro de 2010 a emissora Globo levou à casa de milhões de brasileiros o tema aquecimento global através de uma série de reportagens produzida pela mesma e veiculada dentro da “Revista Eletrônica Fantástico”.

Igualmente, faz-se necessário atentarmos ao fato de que, embora a questão ambiental tenha recebido bastante atenção por parte da Globo durante estes meses, ainda necessitou de um acontecimento maior para ocorrer a iniciativa de transmissão de reportagens a respeito deste tema, neste caso foi a Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas que aconteceria em um mês no México. Contudo, apesar desta constatação notamos ser um objeto interessante de estudo uma vez que parte de uma ação bastante escassa no telejornalismo brasileiro que é a produção própria de matérias ambientais, já que ainda existe uma forte tendência na veiculação de matérias compradas das emissoras *BBC* ou *Discovery Channel*, por exemplo.

Utilizamos como elemento norteador desta nossa análise sobre a reportagem escolhida o estudo realizado pela Agência de Notícias dos Direitos da Infância (Andi) localizada no Brasil, esta pesquisa aborda a importância da imprensa em relação às mudanças climáticas e afirma que a mídia não pode apenas apresentar um tema em sua agenda, mas deve também contextualizar com a realidade dos cidadãos. Portanto, em acordo com esta premissa, nossa notícia escolhida começa

abordando um estudo que teria sido lançado em Cancun na semana da mesma e que teria referido o aumento de 4°C até o final do século se as emissões de gás carbônico não forem controladas. E aborda o que já estamos enfrentando com o aumento de “apenas” 1°C.

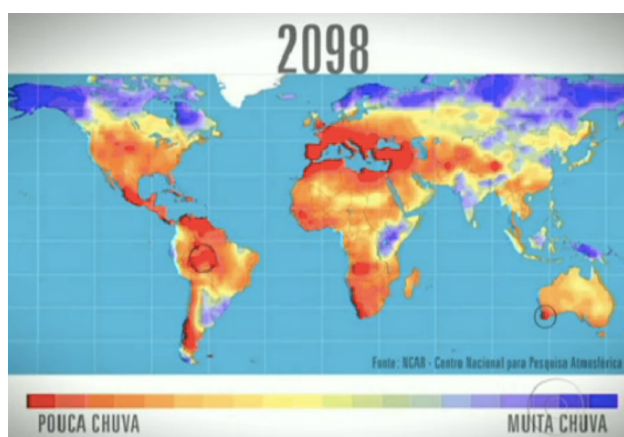
A reportagem inicia com um tema musical que remete ao sentimento de apreensão e no seu primeiro minuto de conteúdo já nos evidencia o que diversos autores abordam, que é o fato de apontar apenas às consequências das mudanças climáticas, transmitindo o sentimento de que já não há nada a ser feito. As palavras que nos chamaram atenção no início da reportagem foram: “e o sol implacável castigando as plantações e a estação da seca ainda bem começou”. Em concordância com o texto, a notícia traz recursos de imagens que remetem também à idéia de escassez de água como o sol, céu bastante azul e por fim, as lavouras de trigo secas.

Voltamos a citar a pesquisa realizada pela Andi no que se refere ao ângulo econômico como foco central da reportagem, de acordo com a agência esta é uma tendência da mídia impressa no Brasil, fato que durante nosso estudo conseguimos também evidenciar na imprensa televisiva. Para a agência uma matéria bem contextualizada deveria esclarecer e contextualizar a relação existente entre as mudanças climáticas e a economia, mostrando os custos, as oportunidades, os benefícios econômicos em se preservar o meio ambiente, reflexão sobre nossos padrões de consumo, impactos causados no PIB do país e ainda abordar quais interesses estão ocultos diante do tema aquecimento global. Ao analisarmos nossa reportagem, observamos que a mesma traz consigo apenas cinco fontes citadas pela jornalista: dois fazendeiros e três cientistas. E esta tendência também é referenciada no estudo produzido pela Andi, que aponta que “com isso, limita-se a capacidade de compreensão por parte do público e não se contribui para que uma outra parcela, potencialmente interessada acesse conteúdos nos quais poderiam se aprofundar na temática”. (Andi, 2007, pág. 34) Ainda, ao passo que esta reportagem foi dividida na apuração de dados de dois países (Brasil e Austrália), notamos que na parte relacionada ao Brasil não houve nenhuma fonte alternativa, apenas cientistas foram entrevistados.

Em relação ao conteúdo apresentado, a notícia seguiu também a inclinação referida pela pesquisa da Agência no que diz respeito a falta de referência à possíveis soluções, apontando apenas as consequências ambientais e econômicas das mudanças no clima. Exemplo disso é a última frase da jornalista ao relacionar o “equilíbrio” do meio ambiente: “Um equilíbrio que já foi mexido sem que a gente entenda completamente como isso vai mudar o dia de amanhã.”. Fator que, de acordo com nossas pesquisas, também facilita o posicionamento do telespectador como “vitima” das mudanças climáticas.

Também, verificamos a falta de fontes divergentes, importantes para que um “diálogo” seja estabelecido na reportagem para que o receptor consiga apurar seu senso crítico em relação aos temas ambientais. Deste modo, parafraseamos a Agência de Notícias dos Direitos da Infância, que indica que “tomares de decisão, formadores de opinião e, especialmente cidadãos necessitam compreender de que lado estão as forças que organizam o jogo político e social quando um tema como este está na agenda”. (Andi, 2007, pág. 39)

Também, podemos ressaltar como ponto positivo a presença constante de gráficos bastante explicativos no decorrer de toda a reportagem a respeito do tema, ferramenta que auxilia o processo de compreensão as informações transmitidas, abaixo um exemplo de gráfico retirado da reportagem:



Por fim, uma vez que abordamos em nossos estudos diversas vezes a importância de referir possíveis soluções e não apenas consequências de problemas, consideramos ser coerente indicarmos possíveis caminhos que poderiam ser tomados pela reportagem em questão. E, através da pesquisa citada neste capítulo, referimos a importância de trazermos para o território nacional a pauta sobre mudanças climáticas e mais, ao tornarmos este tema próximo também devemos regionalizar o mesmo, uma vez que o Brasil é um país de dimensões continentais. Sentimos o fato de que a matéria sobre aquecimento global apresentada durante a Revista Eletrônica Fantástico tenha abordado apenas o caso da Amazônia, distante de grande parte da população brasileira.

3.3 GRUPOS FOCALIS

Para conhecer melhor a prática analítica a ser usada na pesquisa, grupo focal, a obra *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação* foi uma das bases, neste livro Maria Eugênia Belczak Costa diz que o Grupo Focal é uma ferramenta de pesquisa qualitativa que auxilia a identificar tendências,, o

foco, desvenda problemas, busca a agenda oculta do problema”. (COSTA, 2006, pág. 180) Segunda ela, o Grupo Focal permite aprofundarmos os pensamentos e reflexões em torno do que é importante, na verdade o objetivo maior desta técnica de pesquisa é compreender as questões e não deduzir, induzir ou até mesmo generalizar. (id pág. 181)

A autora ainda diz que esta técnica tem como vantagem a participação mútua do grupo de entrevistados, interação, enriquecimento de respostas, também a possibilidade de o moderador do grupo conduzir o roteiro de perguntas, gerando assim aprofundamento e qualidade das expressões e respostas.

O Grupo Focal é altamente recomendável quando se quer ouvir as pessoas, explorar temas de interesse em que a troca de impressões enriquece o produto esperado, quando se quer aprofundar o conhecimento de um tema. Em contrapartida, os grupos focais não atendem a necessidades de dados estatísticos, não integram pessoas que não se sentem confortáveis umas com as outras, não fornecem informações previsíveis e o tópico em tela cria invasão de privacidade. (MORGAN, 1998 apud COSTA, 1998, pág. 181)

Segundo ela, esta teoria passa pela definição de um roteiro de entrevista. E para a autora, a primeira questão a ser pensada deve ser o objetivo da entrevista, o foco da dinâmica da pesquisa. Seguindo esta consulta, delimitamos que primeiramente nosso objetivo saber o grau de conhecimento dos entrevistados focando os problemas ambientais e em específico o aquecimento global bem como, perceber se as notícias transmitidas pela reportagem que iremos apresentar são compreendidas e se auxiliam no processo de conscientização em relação ao meio ambiente.

Como a nossa meta é instigar o diálogo entre os participantes dos grupos focais, evitaremos perguntas que provoquem respostas como “sim” ou “não”. Costa destaca que o moderador deve se valer de um roteiro, contudo “não deve funcionar como uma camisa-de-força; há ocasiões em que os participantes respondem, com uma pergunta, duas ou três questões programadas para mais adiante.” (Costa, 2006, pág. 183)

Também, podem existir questões que exijam maior aprofundamento, gerando assim novas perguntas e desdobramentos. “ O moderador deverá estar sempre atento a elas, no sentido de aproveitar “as deixas” dos próprios participantes para mudar de assunto.” (id, pág. 183)

Então, Costa sugere que tal roteiro deva ter perguntas amplas, sem estruturação, genéricas e amplas, para que assim os entrevistados possam ser estimulados a raciocinar e a dialogar sobre os aspectos relacionados nas questões, neste caso o objetivo é encorajar os participantes a responderem sobre o aquecimento global.

Seguindo a metodologia utilizada por Ulrika Olausson , optamos por trabalharmos com grupos focais pequenos, uma vez que grupos muito numerosos podem gerar sub-grupos, nos quais a atenção poderia facilmente ser desviada do tema central da entrevista. (Kreuger & Casey, 200, Morgan, 1998 apud Olausson, 2011).

Também, para facilitar a comunicação entre os entrevistados, a autora sugere que os grupos sejam homogêneos de acordo com as categorias escolhidas, no caso deste trabalho idade, classe social e escolaridade. Para ela, pessoas que compartilham experiências e interesses sentem-se mais dispostas para mostrar seus pontos de vistas.

In addition to this, as is shown here, qualitative research also has the potential to expose the ambiguous nature of representations held by citizens; there can be significant discrepancies between spontaneous statements and answers prompted by a direct question, and validity problems are likely to occur IF this ambiguity is overlooked by the researcher. (Olausson, 2011, pág. 13)

Para a realização empírica deste estudo selecionamos 12 pessoas da cidade de Santa Maria, localizada no interior do Rio Grande do Sul (Brasil). O município de Santa Maria, região centro do estado, possui de acordo com o censo do IBGE de 2010, 261.027 habitantes, o que a torna a 5ª cidade mais populosa do Estado do Rio Grande do Sul e a maior da região centro. Esta cidade, também é chamada de cidade universitária devido a concentração de em torno de 8 faculdades, dentre elas uma Universidade Federal. Sua economia gira em torno de trabalhos ditos como terciários, ou seja, prestação de serviços, dentre eles destaca-se o serviço público, comercial, educacional, de saúde hospitalar e a própria Universidade Federal de Santa Maria.

Atualmente a cidade possui 50 bairros e nossa pesquisa concentrou-se em moradores da região centro, zona bastante abrangente com pessoas de diferentes níveis sociais e diferentes esclarecimentos acerca do tema meio ambiente.

Então, escolhemos doze pessoas as quais dividimos em dois grupos seguindo o critério de ocupação e nicho social, nossa divisão seguiu os critérios de proximidade para que assim, os indivíduos conseguissem discutir e ficar mais a vontade durante a nossa investigação.

Nesta pesquisa iremos denominar os grupos de 1 e 2, para que assim facilite a compreensão da leitura.

O primeiro grupo foi composto por pessoas com idades variadas entre 27 e 45 anos, com diferentes profissões: coordenação do curso de Engenharia Ambiental de uma faculdade particular, administrador público e responsável pelo recursos humanos de um hospital local, professora

aposentada de Biologia, aluno do curso de Medicina Veterinária, gerente da concessionária “Ford” de Santa Maria, gerente da empresa Massey Ferguson da região de Porto Alegre. Já, no segundo grupo optamos estão pessoas que trabalham como: empregada doméstica, dona de casa, revendedor de sementes agrícolas, aposentado com menos de 2 salários mínimos por mês, zeladora de uma fazenda e uma secretária.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste capítulo reproduziremos os resultados que são relevantes para nossa pesquisa e analisaremos o que estes dados quantitativos nos indicam em relação ao consumo e hábitos das pessoas, bem como a contribuição do jornalismo ambiental como principal fonte de informação da maioria dos cidadãos.

4.1 RESPOSTAS DOS PARTICIPANTES NAS QUESTÕES ESCRITAS

O grupo se encontrou no salão de festas de um prédio e responderam as primeiras questões, assistiram os vídeos e debateram os temas propostos.

Sobre as primeiras impressões que viessem à cabeça ao ouvir a palavra “Meio Ambiente”, dois entrevistados apontaram o dever de se respeitar o mesmo ambiente e, um ainda citou que esta conservação deve ser feita devido às próximas gerações.

Também, dois entrevistados citaram palavras que consideramos positivistas, foram elas: sustentabilidade e verde, que foram descritos em seus questionários e também a palavra e natureza. E em uma resposta percebemos a existência de uma palavra negativa: epidemiologia.

Após, citamos o Aquecimento Global e 3 participantes escreveram palavras que nos remetem ao “Paradoxo de Giddens”, quando afirma que o sujeito já pré-estabelece que não há nada que possa ser feito, as palavras foram: derretimento das geleiras, preocupante, conseqüência, degelo, desestruturação, desastres ambientais e tendência, que nos chamou a atenção por, esta se enquadrar perfeitamente no que o autor sugere, uma vez que por definição a palavra “tendência” significa que é uma ação, força pela qual algo é levado a acontecer com ou sem a vontade do homem.

Quando os indivíduos tiveram que responder sobre mudanças climáticas, alterações no tempo relacionados à presença da chuva foram citadas por metade dos respondentes do questionário e para nós, isso se deve ao mês de setembro que tem por característica na região de Santa Maria ser

bastante chuvoso e com conseqüências bastante graves, fato que aumenta a inserção de matérias em telejornais ou jornais impressos acerca deste problema. Também, foram citadas as palavras “calor e mudanças repentinas no tempo”, uma palavra em particular nos chamou a atenção: “pobreza”, por se tratar de uma expressão que calha justamente com a realidade de que são as pessoas pobres que mais são afetadas com estes fenômenos, uma vez que segundo o ex-Secretário Geral da ONU e Presidente do Global Humanitarian Fórum, Kofi A. Annan (2009), “é grave constatar a injustiça de se perceber que aqueles mais afetados pelas mudanças climáticas também são aqueles que menos contribuíram para ela.” Segundo Annan, os 50 países menos desenvolvidos contribuem com apenas 1% das emissões globais de gás carbônicos.

Ainda, questionados sobre o que viria à cabeça quando a palavra é “sonho de consumo”, o pensamento da maioria dos entrevistados foi o de adquirir bens, então frases como: viajar mais, comprar apartamento próprio e casa própria apareceram na maior parte das respostas, apenas um entrevistado citou “curtir a beleza da natureza”.

Também, em relação à “Qualidade de Vida”, a palavra saúde apareceu na metade das respostas, enquanto a questão da convivência com amigos, familiares e colegas de trabalho foi citada no questionário da outra metade do grupo.

Para finalizar, perguntamos sobre o que o grupo compreendia, individualmente, como Jornalismo Ambiental e todos os entrevistados responderam que é o meio que se é utilizado para ficar informado a respeito do meio ambiente. Uma resposta, bastante completa nos chamou a atenção, quando o indivíduo escreveu que “o jornalismo ambiental, tem uma preocupação maior do que outros gêneros jornalísticos de permitir que todos saibam o que está acontecendo de bom ou ruim com o meio ambiente”.

A fim de prosseguir com a teoria do pesquisador Orozco-Gomez, providenciamos de marcar o encontro com o segundo grupo no mesmo local dos indivíduos anteriores, na tentativa de, desta maneira possibilitar que a estrutura de interatividade fique o mais semelhante cabível do encontro anterior.

Então, repetimos a entrega das folhas em branco para que assim os participantes respondessem as primeiras idéias que viessem à sua mente enquanto mencionávamos as palavras pré-estabelecidas anteriormente.

Ao proferimos a palavra “meio ambiente”, 3 participantes relacionaram a mesma com fauna e flora, enquanto 3 relataram ser o meio em que vivemos.

Ao ouvirem a palavra “aquecimento global”, dois responderam que era algo natural do planeta, enquanto dois participantes abordaram palavras tidas como negativas (derretimento de geleiras e catástrofes) e dois indivíduos responderam que este fenômeno é devido a transformação do meio ambiente através da ação do homem.

Já, o tema “mudanças climáticas” foi associado pela maioria dos participantes como desastres, as respostas foram: temporais, extinção de diversas espécies, calor, enchentes, vendavais, enquanto uma pessoa referiu que é o resultado da ação do homem na natureza.

Quando o assunto foi “sonhos de consumo”, um participante respondeu que era ter um animal de estimação, dois participantes responderam que era possuir um automóvel, dois responderam que gostariam de poder comprar a casa própria, enquanto um respondeu que seu sonho de consumo era poder contar com políticos que dessem valor ao meio ambiente.

E, ao pronunciarmos a palavra “Qualidade de Vida”, igualmente ao grupo anterior, os participantes relacionaram com saúde (palavra que apareceu 3 vezes), bem-estar, contato com a natureza e qualidade do ar.

Ao introduzirmos o tema “Jornalismo Ambiental”, quase a totalidade das pessoas responderam que é a ferramenta que existe para que saibamos o que ocorre no meio ambiente, enquanto uma resposta particularmente chamou a nossa atenção pelo termo “sem censura”, ao referir que é função do jornalismo transmitir todas as notícias referentes à natureza, sejam elas boas ou más ou com interesses de outras pessoas por trás das matérias.

4.2 RESPOSTAS DOS PARTICIPANTES NAS QUESTÕES ABERTAS

Dando prosseguimento à nossa reunião com o grupo focal “1”, apresentamos a reportagem do Programa Fantástico, pré-estabelecida por nós que tratava das conseqüências do aquecimento global na Austrália e no Brasil. Notamos que a matéria despertou muita atenção dos integrantes do grupo, principalmente pelas imagens e pelo tom de voz utilizado pela jornalista, uma vez que surgiram alguns comentários a respeito do fundo musical utilizado e da maneira que a jornalista estava falando.

Ao final da apresentação da matéria, perguntamos o que compreenderam a respeito da mesma e os integrantes relacionaram que o homem está acelerando o processo das mudanças climáticas, uma vez que a população está crescendo e por mais que todos necessitem de bens de consumo, como cama, mesa, cadeira e que por mais que muitas vezes seja necessidade, existe também o “olho” que faz com que as pessoas consumam mais do que precisam.

Diversas vezes foi citado que o “homem” é o principal causador dos estragos à natureza, devido a ganância exagerada do mesmo. Notamos que o “homem” estava sendo citado como um sujeito indefinido, com distanciamento, então, achamos que seria útil para nossa pesquisa que incluíssemos o sujeito indefinido “homem”, aos hábitos dos integrantes do grupo. Foi então que questionamos o que estes faziam para colaborar com o meio ambiente, então o grupo abordou a falta de esclarecimento do que era certo e errado em relação às ações que devem e podem ser tomadas, para que o ser-humano tenha consciência do uso racional dos recursos naturais.

Também citaram que as políticas públicas são responsáveis por promover campanhas que esclareçam dúvidas da população diante do meio ambiente, e que não o fazem, então foi comentada a coleta seletiva de lixo, que na cidade de Santa Maria não funciona adequadamente.

Voltamos à palavra “esclarecimento”, que fora citada algumas vezes e questionamos quem é responsável pela informação acerca dos fatos ambientais e mais uma vez os integrantes responderam que é o Estado, seja na área da educação dentro das escolas, como em propagandas veiculadas na mídia. Apenas um integrante afirmou ser função do jornalismo esclarecer os temas ambientais.

Perguntamos também, em relação ao consumo dos integrantes, se estes estariam dispostos a mudar seus hábitos, se isto fosse colaborar com o futuro da população. Os integrantes foram unânimes em responder que “depende” qual hábito teria que mudar.

Entre eles, surgiu a questão do consumo de carne vermelha e todos responderam que diminuiriam a ingestão da mesma e, então relacionei com o carro e o grupo em geral respondeu que se os governantes dessem outras opções de locomoção na cidade, que não fosse apenas ônibus superlotados, se existissem ciclovias, diminuiriam o uso do carro, porém afirmaram que atualmente não existe outra possibilidade de trânsito na cidade.

Também, citaram o bom exemplo da sacola plástica na Europa, no qual o indivíduo tem que pagar pela mesma e aqui no Brasil isto não ocorre.

Ao citar a Europa, comentaram também sobre a questão da água, que é melhor utilizada uma vez que é um recurso com menor abundância em relação ao Brasil.

Dando continuidade ao debate, indagamos sobre a escolha de produtos “verdes”, citamos o exemplo de um apartamento que custasse um valor fictício de 50 mil reais com tudo incorreto, energia elétrica, sem coleta de lixo enfim, e o outro apartamento custaria 30 mil reais a mais, porém totalmente correto. Painéis solares, coleta de lixo, transporte coletivo próprio do condomínio fariam parte deste imóvel. E perguntamos qual dos dois os indivíduos optariam e estes foram unânimes em responder que escolheriam o apartamento “verde”, porém o que nos chamou a atenção foi a frase que

foi aceita por todos os integrantes do grupo que “a longo prazo economizariamos mais com este produto do que com o outro”, mostrando que na verdade os indivíduos estavam inclinados a esta escolha pensando no dinheiro e não necessariamente no meio ambiente.

Diante do tema Jornalismo Ambiental e da reportagem veiculada, os entrevistados demonstraram visão bastante crítica ao relacionarem que os repórteres são “travados” por empresas e políticos que não tem interesse em transmitir determinadas informações. Citaram o fato de o jornalista trabalhar, em sua grande maioria, para uma empresa que tem interesses em venda de comerciais e espaços em suas grades de matéria, fato que deixa segundo os entrevistados, o profissional da informação limitado a seus editores.

Então, uma vez que percebemos esta noção crítica de jornalismo como empresa, ocorreu-nos a pergunta do grau de confiabilidade que os indivíduos do grupo atribuem às matérias transmitidas pela imprensa. Ocorreu um debate bastante produtivo e as opiniões se dividiram em participantes que acreditavam nas informações jornalísticas: “eles não vão publicar informações falsas” e em participantes que, apesar de tomarem as notícias como verdadeiras, acreditam que o repórter não tem autonomia para realizar a matéria que “quiser”, um participante comentou “eu não critico e não vejo como matéria falsa, mas o jornalista é guiado por interesses da empresa em que trabalha”, então outra pessoa do grupo complementou afirmando que acredita que as matérias não são “isentas e são restringidas por interesses econômicos”.

Para finalizar, questionamos a respeito da reportagem específica que transmitimos ao grupo e, igualmente bastante críticos, os participantes do grupo em unanimidade afirmaram que entenderam o conteúdo da matéria, reafirmaram o que já sabiam que estava ocorrendo acerca do aquecimento global, mas sentiram falta de questões práticas sobre “o que fazer no dia a dia para colaborar com o meio ambiente” e “por que” tais mudanças estão ocorrendo.

Um indivíduo do grupo comentou que é uma matéria que “faz a gente pensar hoje no que está ocorrendo, mas de repente amanhã já tenha esquecido e não esteja tão assustada como estou hoje com a reportagem”, igualmente os integrantes responderam que faltou conclusão na matéria, uma vez que eles entendem que ao formularem uma notícia o jornalista tem o dever de mostrar o que está ocorrendo e concluir. “Notamos que faltou a informação de que poderíamos minimizar tais problemas tomando determinadas atitudes, sabemos que tem seca em alguns lugares e sabemos que existem enchentes em outros mas e daí? Parece que eles mostraram o problema e disseram: ó, tá aí! E continuamos sem saber se podemos fazer algo”.

Igualmente à reunião como grupo focal analisado acima demos prosseguimento às nossas entrevistas apresentando a mesma matéria sobre o Brasil e Austrália veiculada no Programa Fantástico no dia 5 de outubro de 2010. E já nos primeiros minutos da reportagem, um dos integrantes comentou “se nosso verão for assim, vai ocorrer a mesma coisa”, se referindo à seca na Austrália que estava sendo transmitida no momento, o restante do grupo mostrou concordar com o comentário feito.

Após o término da matéria, para abriremos espaço para o debate entre os indivíduos questionamos sobre o que compreenderam a respeito da matéria e os participantes comentaram que tratava-se de uma reportagem bastante interessante, a maioria comentou que havia visto esta reportagem no dia em que foi veiculada, porém que não recordavam dela. Um integrante comentou que: “Foi bom assistir de novo para repensarmos novamente a respeito do clima”, nos mostrando a tendência que algumas pessoas tem em pensar a respeito dos problemas ambientais apenas quando o assunto “está em pauta”, mas que não ponderam este tema diariamente.

Então, questionamos a respeito da frequência com que tal assunto era abordado em suas casas, trabalhos e afins e alguns comentaram que “ao assistirmos matérias como estas, ficamos chocados e então comentamos sobre este tema em nosso cotidiano, porém é só quando temos acesso à reportagens deste cunho”, fato que contribui para o nosso pensamento de que o Jornalismo Ambiental tem parte da responsabilidade acerca do processo de educação ambiental.

Ainda, uma integrante do grupo abordou o fato desta realidade estar mais próxima do que imaginamos, “estes problemas de secas, enchentes, não são ‘privilégios’ da Amazônia e da Austrália, já estamos sofrendo com as mudanças climáticas no dia a dia” e nos comentou o fato pessoal de que sente mais no verão que o meio ambiente “não está bem”, uma vez que é “no calor que sinto que as coisas estão se terminando”, comenta nos remetendo mais uma vez ao “Paradoxo de Giddens”, quando afirma que uma das maneiras que os indivíduos podem pensar é que não há nada que se possa fazer.

Questionamos então, se estes estariam dispostos a mudar seus padrões de consumo, se caso isso fosse ajudar em relação ao futuro do Planeta e todos foram unânimes em responder que mudariam, a maioria comentou que já fazia sua parte optando por transportes públicos ao invés de carro, reciclando, não consumindo roupas e objetos desnecessários”, mas assumiram que estas escolhas são realizadas mais pelo dinheiro e pela economia do que pensando realmente a respeito da natureza.

Então um indivíduo complementou afirmando que: “Sabemos que o que estamos fazendo é correto, mas de repente se tivéssemos condições de irmos para o trabalho de carro todo o dia, o

faríamos já que nossos ônibus são terríveis” e ainda relacionou que o culpado pelas más hábitos das pessoas é o Estado que não investe com qualidade em alternativas que faça com que o cidadão opte pelo cuidado com o Meio Ambiente.

Indagamos a respeito de quem seria a responsabilidade de fazer com que o público leigo entenda os fenômenos que estão ocorrendo e que saiba de fato o que está mudando no mundo e todos os integrantes foram unânimes em afirmar que este encargo era das empresas jornalísticas.

Ainda, fizemos a mesma pergunta que havíamos feito no grupo anterior sobre de quem era a responsabilidade do que estava ocorrendo na natureza atualmente e a maioria respondeu que é do homem, enquanto um participante respondeu que acredita que as coisas estariam diferentes se os Estados Unidos “não poluisse tanto”. Ainda complementou dizendo que “nossa poluição é mínima se compararmos com a deste país” negando ou não conhecendo o fato de que o Brasil contribui ativamente para as emissões de gases de efeito estufa devido às queimadas na Floresta Amazônica. O participante seguiu seu raciocínio afirmando que me preocupo com o meio ambiente e sempre me interessei a respeito deste tema, mas eu não sou ninguém se comparada com as grandes indústrias americanas que nada fazem a respeito das mudanças climáticas.”

Ao percebermos que, ao tocar neste tema, boa parte do grupo concordou com este participante decidimos questionar a respeito do que cada um fazia para colaborar com a Natureza e ouvimos em sua maioria que cuidavam do desperdício de água, apagavam as luzes ao saírem dos locais que estavam anteriormente “, uma integrante ponderou que já deixou de adquirir bens pensando que estaria colaborando com o meio ambiente.

“Eu já faço a minha parte, me movo a pé para todos os lados, mas neste calor que está prometendo fazer, salve-se quem puder”, enfatizou um participante, também nos remetendo à ideia de que não há nada que se possa fazer.

Percebemos que os comentários a respeito das mudanças climáticas e do aquecimento eram muito específicos e que alguns participantes embora indagados individualmente afirmam que “não sabiam nada a respeito do tema”, questionaram uns aos outros coisas do tipo “o que eu respondo” e então resolvemos finalizar nossa reunião com o grupo questionando se fariam a matéria apresentada de forma diferente, a fim de apontarmos novos caminhos para a forma de transmissão da matéria para o público leigo e obtivemos como resposta unânime que não mudariam nada na reportagem.

“A matéria foi bem feita, com exemplos da nossa realidade, notei que eles quiseram nos impressionar e conseguiram, mas é assim mesmo, a imprensa tem que mostrar até mais do que está

acontecendo para ver se muda alguma coisa na cabeça das pessoas” finalizou um participante do grupo, que foi apoiado pelo restante do grupo em geral.

4.3 ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DOS GRUPOS FOCAIS EM RELACAO À REPORTAGEM APRESENTADA

Neste capítulo faremos uma descrição de como os sujeitos dos dois grupos focais responderam às nossas pesquisas. Cabe aqui, antes de relativizar as questões referentes ao nosso trabalho, fazer um apontamento sobre a dificuldade encontrada na aceitação das pessoas em participar destes grupos, uma vez que muitas ao serem convidadas a contribuir com as nossas pesquisas, ao questionarem sobre o que seria debatido, tiveram receio de não saber responder corretamente ao nosso tema. E, por mais que articulássemos de que não tratava-se de um teste, que não existiria certo ou errado, notamos que as pessoas ainda sentem que o tema meio ambiente é confuso e complexo.

Porém, mesmo com esta dificuldade conseguimos realizar os nossos grupos focais. Então, no primeiro momento entregamos aos indivíduos dos grupos focais folhas de ofício em branco e pedimos que quando ouvissem as palavras que pronunciaríamos, estes escrevessem no papel a primeira idéia que viesse em suas mentes, para que assim conseguíssemos ter dimensão da associação destes com diferentes temas vinculados ao aquecimento global.

Os temas que foram abordados foram: Meio Ambiente, aquecimento global, mudanças climáticas, qualidade de vida, sonhos de consumo e jornalismo ambiental, nesta ordem.

Assim, os entrevistados poderiam escrever em suas folhas as primeiras impressões acerca deste tema. É importante salientar que optamos por colocar estas perguntas antes da apresentação da reportagem selecionada para que a mesma não influenciasse as respostas que os entrevistados tinham de conceitos estabelecidos anteriormente à matéria.

Após veicularmos a matéria do programa “Terra:Que tempo é esse?” sobre o Brasil e a Austrália e apresentada no dia 05 de dezembro de 2010, prosseguimos com a entrevista com os receptores e, mesmo que a estrutura fosse aberta, fomos com um questionário pré-estabelecido, porém com a flexibilidade de mudarmos as perguntas, voltarmos em algum tema, caso o fosse necessário.

As perguntas propostas primeiramente foram: Qual o principal veículo de informação utilizado em sua casa para se informar? – Com que frequência você assiste ao Programa Fantástico? – Qual o seu interesse em relação às matérias ambientais? – Você assistiu esta reportagem no dia em que ela

foi veiculada? – O que você achou da reportagem? - Você acredita ter parte da responsabilidade em relação as mudanças no meio ambiente? – Quem são os principais responsáveis pelas mudanças climáticas? – O que você faz pelo meio ambiente? – O que você estaria disposto a mudar para ajudar o meio ambiente?

E a fim de apontarmos novos caminhos para as matérias ambientais, definimos importante questionar como os entrevistados fariam as notícias caso fossem os repórteres.

Os encontros foram filmados para que pudéssemos analisá-los posteriormente.

4.4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Em concordância com os estudos das pesquisadoras Irene Lorenzoni, Sophie Nicholson-Coleb e Lorraine Whithmarsh, conseguimos identificar algumas barreiras citadas pelas mesmas para “justificar” as ações (ou falta de) dos indivíduos entrevistados. Contudo, primeiramente achamos de suma importância refletirmos sobre o fato contraditório de que os sujeitos do “Grupo Focal B”, embora com nível social mais baixo demonstraram-se mais engajados à fazerem a coisa certa. Para nós esta evidencia parte da constatação de que por tais sujeitos possuírem menor poder aquisitivo e morarem em locais mais afetados pelas ações do clima, sentem mais diretamente as consequências e acabam por se interessar mais sobre o tema. (e.g. Wolf, 1997)

Ao contrário das pesquisas de Lorenzoni no que se refere as barreiras mencionadas acima, nossos respondentes (Grupo 1 e Grupo 2) demonstraram um nível bastante considerável em relação ao conhecimento acerca do aquecimento global, contudo evidenciamos que estes tinham mais informações sobre o problema em si do que idéias práticas de soluções para a mitigação dos agentes causadores do aquecimento global. Nossa pesquisa também entra em discordância quanto ao que Lorenzoni cita sobre a ligação errada entre causa e solução abordada pelos seus respondentes que na ocasião citaram que sabiam sobre os efeitos do aquecimento global e que faziam sua parte ao reciclar seus lixos por exemplo, nossos participantes do Grupo Focal 2 avaliaram que faziam sua parte ao não utilizarem veículo próprio para se locomover (idéia que realmente é relevante no processo de diminuição da emissão de gases causadores do efeito estufa). E ainda é contrária no que diz respeito à falta de interesse em buscar informações referentes ao aquecimento global, uma vez que nossos respondentes argumentaram diversas vezes sentirem falta destes dados.

Contudo, reportamos diversos pontos de congruência com os estudos da pesquisadora no decorrer de nossa abordagem, como por exemplo o fato de que os indivíduos enxergam suas ações

como limitadas em relação a diminuição do aquecimento global na terra e ainda demonstram uma relutância em mudar suas rotinas e hábitos.

Percebemos que diversas vezes os sujeitos de nossa pesquisa respondiam às questões como seres que estivessem à parte dos problemas referidos, e esta tendência nos remete à pesquisa de Swin et al., que indicou que para a maioria das pessoas as experiências e exposições relacionadas às mudanças climáticas limita-se ao contato virtual e indireto mediado pelas coberturas midiáticas ou por documentários a respeito do tema em regiões normalmente distantes do indivíduo, uma vez que conseguimos identificar que a matéria escolhida como estimulador do nosso debate relacionou como vítima do problema ambiental brasileiro relacionado às mudanças climáticas apenas a floresta Amazônica.

A questão econômica relacionada diversas vezes em nosso estudo, ficou bastante evidente em diversos pontos de nossa pesquisa, como por exemplo no que diz respeito ao consumismo dos participantes, notamos a incompatibilidade de algumas respostas que surgiram no Grupo Focal 2, que abordaram o fato de que estavam agindo corretamente ao utilizarem meios alternativos de locomoção, mas ao mesmo tempo referiram que se pudessem comprar alguma coisa, esta seria um carro, demonstrando que estes estavam agindo corretamente mais pela falta de condições de adquirir este bem material do que por estarem engajados com esta causa ambiental.

Nossas pesquisas também seguiram os resultados das pesquisas realizadas pela autora Anabela Carvalho que na conclusão do livro *As Alterações Climáticas os Media e os Cidadãos* abordou que a mídia recebe uma atenção considerável por parte dos sujeitos no que diz respeito a veracidade das notícias transmitidas e também em relação comportamental dos entrevistados, que reportaram ações que ficam muito abaixo do que é realmente eficaz para diminuir os riscos do aquecimento global e encontramos respostas que elucidam novamente as pesquisas de Carvalho no que diz respeito aos atos não condizerem com a preocupação reportada pelos nossos entrevistados, que na ocasião (mais evidente no Grupo Focal 1) consideraram que as consequências do aumento da temperatura global eram catastróficas, contudo responderam “depende” quando questionados sobre mudar suas atitudes e hábitos em prol do meio ambiente.

Percebemos que as ações e o conhecimento acerca do aquecimento global é influenciado pelo nível social dos entrevistados, no qual os participantes do Grupo Focal 1 localizam-se como distantes das causas deste problema, enquanto os indivíduos do Grupo Focal 2 avaliam que já estão sentindo as consequências em seus cotidianos e igualmente mostraram-se mais dispostos a mudarem suas rotinas, caso isso auxilie na mitigação do aquecimento global.

Finalmente, encontramos um senso crítico mais elevado no Grupo Focal 1 no que diz respeito à reportagem transmitida, quando os respondentes avaliaram que as informações pareciam confusas e pouco conclusivas no que diz respeito à atitudes que os mesmos poderiam tomar para contribuir com a diminuição do problema, enquanto o Grupo Focal 2 aceitou as informações e concluíram que a matéria estava bem produzida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através de nossa pesquisa percebemos como é importante levar o debate sobre as mudanças climáticas e o aquecimento global, assunto em bastante evidência na atualidade, para junto da sociedade.

Ao encontrarmos na sociedade indivíduos que estejam dispostos a debater sobre práticas e políticas em relação ao meio ambiente faz com que reafirmemos a importância da prática do Jornalismo Ambiental. E, apesar da nossa metodologia ter sido bastante qualitativa, conseguimos ter uma amostragem de que, mesmo inseridos em uma sociedade onde a cultura do consumismo prevalece, os indivíduos demonstraram-se bastante interessados sobre o tema e estavam familiarizados com o tema.

Desta maneira, nesta pesquisa procuramos demonstrar através de diversos estudos a importância do jornalismo ambiental uma vez que notamos que parte deste conhecimento é oriundo da mídia, pois conseguimos encontrar conceitos que são de uso contínuo na imprensa. Entre eles, o sentimento de que deve-se fazer algo, mas não se sabe ao certo o que.

Isto nos remete ao pensamento de André Trigueiro (2005) que afirma que as informações ecológica-científicas devem ser passadas de maneira compreensível ao maior numero de pessoas possíveis, para que uma nova cultura baseada nos preceitos da sustentabilidade se manifeste. (TRIGUEIRO, 2005, pág. 264)

Então, acreditamos que o jornalismo tem o poder de estar inserido junto à comunidade diariamente e deve exercê-lo noticiando informações com relevância, contribuindo desta maneira para um posicionamento crítico da sociedade sobre as relações com o meio ambiente.

Abordando especificamente o tema da nossa pesquisa – comunicação, consumo e aquecimento global – acreditamos que é fundamental a produção de mais séries de reportagens como a que utilizamos como base para nossos estudos.

E não apenas no âmbito das mudanças climáticas ou aquecimento global, mas sim do meio ambiente como um todo para que assim possa ser construída uma cultura mais crítica em relação ao que está sendo realizado em relação ao nosso planeta.

BIBLIOGRAFIA

Andi. [Em linha] URL: < http://www.scribd.com/full/7965794?access_key=key-juv71yshwz7y6lsoq2r> Acessado em 25 de outubro de 2011.

Annan, Kofi A. (200). Relatório da Anatomia de uma Crise Silenciosa. URL: < <http://www.eco21.com.br/textos/textos.asp?ID=2027>>, 153. *ECO-21*. [Publicação periódica em linha] Acesso em 10 de Outubro de 2011.

Barbero, Jesus M. (1997). *Dos meios às mediações: Comunicação, cultura e hegemonia*. (6ª ed.) Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

Boykoff, Maxwell T.; Boykoff, Jules M. (2007). Climate Change and Journalistic norms: A case-study of US mass-media coverage. URL: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0016718507000188>>, 38. *Science Direct*. [Publicação Periódica em linha] Acesso em 04 de outubro de 2011.

Cabecinhas, R., Carvalho, A., Lázaro, A. (2011) Representações sociais sobre alterações climáticas, In *As Alterações Climáticas, os Media e os Cidadãos*. Coimbra: Grácio Editor.

Cabral, João F. A definição de Estado Aristotélica. In: Brasil Escola – Filosofia. 2009. Disponível em <http://www.brasilecola.com/filosofia/a-definicao-estado-na-politica-aristotelica.htm>. Acessado em 24 de outubro de 2011.

Carvalho, A. (org) (2011), *As Alterações Climáticas, os Media e os Cidadãos*. Coimbra: Grácio Editor.

Carvalho, A., Pereira E., Rodrigues, A., Silveira Ana P. (2011) A reconstrução mediática das alterações climáticas, In *As Alterações Climáticas, os Media e os Cidadãos*. Coimbra: Grácio Editor.

Corbett, J., Durfett, J. (2004). Testing Public (Un) Certainty of Science: Media Representations of Global Warming. URL: <http://www.sagepub.com/bocstudy/articles/Ch12_Article.pdf> *Science Communication* [Publicação periódica em linha], 26. Acesso em 26 de outubro de 2011.

Duarte, J., Barros, A. (2011) *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação*. (2ª ed.) São Paulo: Editora Atlas.

Giddens, Anthony. (2009) *A Política da Mudança Climática*. (1ª ed.) Cambridge: Polity Press.

Globo.com (s.d). [Em linha] URL: <<http://video.globo.com/Videos/Player/Noticias/0,,GIM1381678-7823-ESTUDO+MOSTRA+QUE+O+PLANETA+ESTA+FICANDO+MAIS+SECO,00.html>> _Acessado em 25 de outubro de 2011.

Goleman, D. (2009) *Inteligência Ecológica: O impacto do que consumimos e as mudanças que podem melhorar o planeta*. (1ª ed.) Rio de Janeiro: Elsevier.

Gore, Al. (2006) *Uma Verdade Inconveniente: O que devemos saber (e fazer) sobre o aquecimento global*. (1ª ed.) São Paulo: Editora Manole.

Governo Português (s.d.). [Em linha] URL:<http://www.portugal.gov.pt/pt/GC18/Governo/ProgramaGoverno/Pages/Programa_Governo_17.aspx> Acesso em 24 de outubro de 2011.

Governo Brasileiro (Portal Brasil) [Em linha] URL: <<http://www.brasil.gov.br/noticias/arquivos/2011/05/09/governo-e-empresarios-lancam-forum-de-meio-ambiente>> . Acessado em 24 de outubro de 2011.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Ministério do Planejamento e Gestão) [Em linha] URL: <<http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/recursosnaturais/ids/ids2010.pdf>> Acessado em 25 de outubro de 2011.

Lázaro, A., Cabecinhas, R., Carvalho, A. (2011) *Uso dos Media e Envolvimento com as Alterações Climáticas*, In *As Alterações Climáticas, os Media e os Cidadãos*. Coimbra: Grácio Editor.

Olausson, U. (2011) We're the Ones to Blame: Citizens' Representtions of Climate Change and the Role of Media. URL: <<http://www.tandfonline.com/loi/renc20>> *Environmental Communication: A Journal of Nature and Culture* [Publicação periódica em linha], 5. Acesso em 26 de outubro de 2011.

Orozco, G. (1993) Dialética de la Mediación Televisiva: Estructuración de estrategias de recepción por los televidentes. URL: <<http://www.raco.cat/index.php/Analisi/article/view/41180/89138>> *Revistes Catalanes amb Accés Obert*. [Em linha] Acesso em 04 de outubro de 2011.

Trigueiro, A. (2005) *Mundo Sustentável: Abrindo espaço na mídia para um planeta em transformação* (1ª ed.). São Paulo: Editora Globo.

Olausson, U. (2011) We're the Ones to Blame: Citizens' Representtions of Climate Change and the Role of Media. URL: <<http://www.tandfonline.com/loi/renc20>> *Environmental Communication: A Journal of Nature and Culture* [Publicação periódica em linha], 5. Acesso em 26 de outubro de 2011.

Revista Isto É (Hugo Cilo) [Revista periódica em linha] URL: <http://www.istoedinheiro.com.br/noticias/40911_O+BRASIL+NO+TOPO+DO+CONSUMO . > Acessado em 25 de outubro de 2011.

Ted* Sudeste (s.d). [Em linha] URL:<<http://www.tedxudeste.com.br/2010/andre-trigueiro-faz-repensar-o-consumo>>Acessado em 25 de outubro de 2011.

Uphan, P., Whitmarsh, L., Poortinga, K., Darnton, A., McLachlan, C., Devine-Wright, P. (2009) Public Attitudes to Environmental Change: a selective review of theory and practice. In: Research Councils UK. URL: <http://www.esrc.ac.uk/_images/public-attitudes-to-environmental-change-exec-summary_tcm8-6383.pdf. > [Em linha] Acesso em 24 de outubro de 2011.

Vilas Boas, S. (2006). *Formação e Informação Ambiental: Jornalismo para iniciados e leigos*. (1º ed.) São Paulo: Editora Summus.

Walker, G., King, Sir D. (2008). *O Tema Quente: Como Combater o Aquecimento Global e Manter as Luzes Acesas* (1ª ed.) Rio de Janeiro: Editora Objetiva.

ANEXO

Segue em anexo a transcrição da reportagem escolhida como auxiliar em nossas pesquisas, mais uma vez indicamos o link no qual a mesma se encontra na íntegra para ser assistida através do site da Globo:

<http://video.globo.com/Videos/Player/Noticias/0,,GIM1381678-7823-ESTUDO+MOSTRA+QUE+O+PLANETA+ESTA+FICANDO+MAIS+SECO,00.html>

Repórter Zeca Camargo: Um novo estudo divulgado esta semana em Cancun durante a conferência do clima alerta: o aumento da temperatura média no planeta pode ser de 4 graus celsius até o final do século se as emissões de gás carbônico não forem controladas.

Repórter Patricia Poeta: É uma previsão preocupante né, porque agora em 2010 com quase um grau a mais na temperatura as secas já estão mais severas e mais frequentes em várias partes do mundo.

Repórter Sônia Bridge: Há meses o moinho de vento gira em vão, já não há água para bombear dos reservatórios. No céu nem um pontinho branco só o azul profundo e o sol, implacável castigando as plantações. E a estação da seca ainda nem começou.

Estamos no sudoeste da Austrália na região conhecida como Cinturão do Trigo, que nesta década já perdeu 4 safras por falta de chuva, o trigo brota mas não cresce.

O fazendeiro diz que a plantação deveria estar tocando a cintura, mas os pés estão baixos de mais para a máquina colher, e ele decidiu pelo menos salvar as ovelhas que tiram da lavoura fracassada a pouca proteína que sobrou. Sem chuva o inverno inteiro o pasto não brotou, os bois foram mandados embora, uma tentativa de salvar o gado e também a terra. Se os bois andassem aqui a terra teria virado um pó fino que qualquer vento forte leva.

O vizinho me mostra o trigo, a espiga que produziu tem 9 grãos ao invés de 40, mas a maioria esta completamente seca, nem a semente vai dar para recuperar. Isto é triste eu digo. É mas você tem que esperar que o próximo ano seja muito melhor.

Quando passam meses olhando pro céu sem ver uma nuvem, sem que caia uma gotinha de chuva, é normal que as pessoas se perguntem: que tempo é este? Onde é que foi parar a chuva? No caso da Austrália os cientistas tem uma resposta: um estudo da Universidade da Tasmânia na Austrália mostrou que houve uma mudança na movimentação das massas de ar sobre o Pacífico. O ar úmido e quente está indo para a Antártica antes de alcançar a Austrália. Esta mudança climática explica porque a camada de gelo naquela parte da Antártica está crescendo, ao contrário do lado oeste mais próximo

do fim da América do Sul que está aquecendo e perdendo gelo. E aqui, no sudoeste da Austrália que já foi o cinturão do trigo, os laguinhos de água salgada agora são pequenos desertos de sal.

Esta é a quarta seca em apenas 10 anos e a pior já registrada na história nesta região da Austrália e os fazendeiros vão ter que se adaptar, os estudos mostram que todo o país já teve uma diminuição de chuvas e que a Austrália vai ficar muito mais seca nas próximas décadas.

Um estudo recente mostra que o planeta inteiro está ficando mais seco, ciclos naturais combinados ao aquecimento global vão fazer dobrar as áreas de seca neste mapa em vermelho, principalmente nas regiões tropicais, como a Amazônia e essa pontinha da Austrália onde estamos, enquanto o norte do planeta vai ver um aumento de chuvas, a diferença é brutal.

No Brasil a previsão é de que a Amazônia tenha uma diminuição dramática de chuvas, tornando mais intensas e frequentes as secas como a deste ano, a maior já registrada na região. Estamos na Amazônia, no Rio Negro perto de Manaus, a estação de chuvas já começou mas o rio ainda está oito metros abaixo do seu nível médio, os igarapés (os braços do rio já secaram), como aqui a água é a estrada, comunidades inteiras continuam isoladas, com os barcos encalhados na areia ou na água rasa. Mesmo na voadeira pequena de motor alto tivemos que desistir de prosseguir: impossível navegar na lama.

O que no início da seca eram bancos de areia ou terra rachada, agora são tapetes intermináveis de um verdinho claro, plantas novas em terra roubada do rio. É que o leito do rio é cheio de matéria orgânica, basta não estar alagado e sobrar um pouquinho de umidade que ele vira uma terra muito fértil. Aí este capim cresce por toda a parte, este ano a seca está durando tempo suficiente pro capim ficar adulto e dar até sementes.

Culpa das mudanças climáticas? Difícil saber. Existe um consenso entre os cientistas de que no sudoeste da Amazônia a floresta vai dar lugar ao cerrado já nas próximas décadas. Mas aqui no Rio Negro a própria seca deste ano revelou provas de que o rio já esteve assim baixo. Surgiram escrições e desenhos deixados por uma civilização há pelo menos 5 mil anos. Nesta década a Amazônia teve 2 secas e uma cheia recorde.

Antônio Manzi (Climatologista do Instituto de Pesquisa na Amazônia – INPA): É possível que o aquecimento do planeta esteja intensificando estas secas estas cheias, mas cientificamente ainda não é possível garantir isto. A gente nota claramente uma leve tendência de aumento nas cheias anuais e uma cheia ainda mais importante das secas, as secas cada vez mais baixas. Então esta

amplitude entre o rio mais alto, o máximo do rio e o nível do rio ano a ano tem aumentado em 10 cm por ano.

Repórter Sônia Bridge: Cheias e secas fazem parte do ciclo natural da floresta, o problema é quando as secas são muito intensas e muito perto umas das outras. O estudo do impacto da seca de 2005 mostrou que ela provocou a morte de tantos milhões de árvores que naquele ano o equilíbrio se desfez. Em vez de pulmão do mundo a floresta passou a emitir mais gás carbônico do que capturar. As árvores se alimentam de gás carbônico, o principal causador do Efeito Estufa, mas quando as árvores morrem liberam este gás de volta para a atmosfera.

A morte de árvores também afeta as chuvas, uma árvore grande pode liberar até 500 litros de água em forma de vapor em apenas um dia quente, formando nuvens que depois fazem chover na floresta. E as nuvens tem um papel importante, embora ainda pouco compreendido no aquecimento global.

Suzana Kahn (cientista do painel do clima ONU – IPCC): Uma nuvem alta, por exemplo, ela tem o papel de refletir a radiação solar, portanto ela não intensifica o aquecimento, ela reflete aquela radiação. Uma nuvem um pouco mais baixa faz o inverso, ela aprisiona a radiação aumentando mais ainda a temperatura da terra. Então a modelagem destas nuvens é fundamental também para você entender o balanço né, o equilíbrio térmico do planeta.

Repórter Sônia Bridge: Um equilíbrio que já foi mexido sem que a gente entenda completamente como isso vai mudar o dia de amanhã.